



Da dúvida à realização. O percurso atribulado e a missão de ser professor.

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº74/2006 de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e o Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio.

Orientadora:

Professora Doutora Paula Queirós

Rodrigo Dias da Costa

Porto, setembro 2020

Ficha de Catalogação

Costa, R. (2020). *Da dúvida à realização. O percurso atribulado e a missão de ser professor*. Porto: R. Costa. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ALUNOS; ENSINO; APRENDIZAGEM; PROFESSOR; EDUCAÇÃO FÍSICA; ESTÁGIO PROFISSIONAL

Agradecimentos

A vida é feita de experiências, umas boas e outras menos boas. Ao longo dessas vivências temos a oportunidade de nos cruzar com pessoas que se tornam fundamentais nas nossas conquistas. A minha formação académica está repleta de memórias, amigos e gente que jamais esquecerei.

Agradecer à Universidade do Porto por me ter acolhido ao longo destes anos (e foram muitos) e me ter dado a oportunidade de enriquecer a minha formação, permitindo alcançar os meus objetivos de me poder tornar professor.

À minha orientadora de estágio, professora doutora Paula Queirós por todo o suporte durante a minha prática, inclusive, fazendo por vezes mais do que era a sua obrigação no intuito de me ajudar a finalizar esta etapa.

Ao professor cooperante, José Andrade, por ter sido incansável e ao mesmo tempo exigente comigo em todo o processo. Foi sem dúvida uma das pessoas mais importantes, que, em momentos críticos no estágio profissional nunca me deixou desistir.

Aos meus pais por permitirem a oportunidade de viver esta longa etapa, acreditando sempre em mim e dando todo o apoio necessário. E também ao meu irmão por me incentivar a continuar a minha formação académica no final da licenciatura, sendo um grande impulsionador para que prosseguisse os estudos.

A todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra, participaram nesta minha aventura, sendo por vezes um “porto de abrigo” perante os problemas e contrariedades surgidas e quando me faltavam forças para continuar.

Em especial à Tânia Teixeira que, sem a sua ajuda, era muito difícil ter concluído este relatório de estágio. Foi sem dúvida, na realização deste documento, a pessoa que, principalmente no início, abriu os meus horizontes para a forma de elaboração do relatório.

À Liliana Dinis por me ter incentivado durante os tempos difíceis do confinamento a não desistir e a continuar a escrever este documento.

A todos vocês, o meu muito obrigado!

Índice Geral

Agradecimentos	III
Índice de figuras	VI
Índice de tabelas	VII
Resumo	VIII
Abstract	IX
Lista de abreviaturas	X
1. Introdução	11
2. Enquadramento Pessoal	13
2.1. Quem sou eu?	13
2.2. Expectativas em relação ao Estágio Profissional	14
2.3. Entendimento do Estágio Profissional	18
3. Enquadramento institucional	21
3.1. O que é a escola como instituição?	21
3.2. Como é a escola onde realizo o estágio?	23
3.3. Infraestruturas e recursos da Escola Secundária de Valongo	25
4. Enquadramento operacional	29
4.1. Núcleo de Estágio	29
4.2. O papel do professor cooperante e do orientador	31
4.3. A minha turma	33
5. Área 1- Organização e gestão do processo e ensino-aprendizagem	35
5.1. Os alunos: Todos diferentes, todos iguais!	36
5.2. A relação professor-aluno	37
6. Planeamento e Avaliação	39
6.1. A ponte entre o pensamento e a ação	40
6.2. Níveis de planeamento	42
6.3. Planeamento anual	43
6.4. Unidade temática	44
6.5. Plano de aula	46
6.6. Avaliação	49
6.6.1 Avaliação Diagnóstica	49
6.6.2. Avaliação Formativa	50
6.6.3. Avaliação Sumativa	50

6.6.4. Auto e Heteroavaliação.....	51
7. Área 2 –	52
7.1. Torneios e Desporto Escolar.....	52
7.2. Corta-mato.....	52
7.3. Os pequenos de Sobrado.....	53
7.4. Direção de Turma.....	53
8. Área 3 – Importância da reflexão para o desenvolvimento profissional.....	54
8.1. Reflexões.....	54
8.2. Observação.....	54
8.3. Características de um bom professor.....	55
8.4. A versatilidade do professor de EF.....	56
8.5. Adversidades da prática: Uma barreira constante.....	57
8.6. Feedback.....	58
9. Considerações Finais.....	59
10. Referências Bibliográficas.....	61

Índice de figuras

Fig. 1: Fachada da entrada do pavilhão polidesportivo.....	
Fig. 2: Interior do pavilhão polidesportivo.....	
Fig. 3: Alguns alunos no campo desportivo exterior.....	
Fig. 4: Campo desportivo exterior, com vista para a Serra de Valongo.....	
Fig. 5: Núcleo de estágio.....	

Índice de tabelas

Tab. 1: Unidade Didática de Badminton.....

Tab. 2: Plano de aula de Voleibol.....

Tab. 3: Avaliação final da minha turma no segundo período

Resumo

O estágio profissional é a etapa final da formação inicial do professor onde decorre toda a experiência no contexto prático (escola) tendo por base os diversos conhecimentos adquiridos nos anos anteriores. Este relatório insere-se no âmbito do segundo ciclo do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Neste documento procurei relatar toda a minha aventura enquanto professor estagiário sem fugir às suas contrariedades e adversidades. Aqui é vivido de forma intensa e transparente todo o processo, desde o primeiro dia na escola até à melancolia do fim desta etapa académica. Considero este relatório como uma reflexão complexa sobre esta apaixonante missão de ser professor. Aqui estão espelhadas as minhas dificuldades, os objetivos conquistados, a relação com toda a comunidade escolar e claro, todo o meu pensamento sobre os diversos temas que me acompanharam durante o ano letivo. Tenciono que este relatório seja a minha imagem real e quando o lerem, vislumbrem a minha personalidade refletida nessa incrível e difícil aventura enquanto professor-estagiário.

PALAVRAS-CHAVE: ALUNOS; ENSINO; APRENDIZAGEM; PROFESSOR; EDUCAÇÃO FÍSICA; ESTÁGIO PROFISSIONAL

Abstract

The professional internship is the final stage of the initial teacher training where all the experience takes place in the practical context (school) based on the various knowledge acquired in previous years. This report is part of the second cycle of the Master's Degree in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education at the Faculty of Sport of the University of Porto. In this document, I tried to report my whole adventure as a trainee teacher without escaping his setbacks and adversities. Here the whole process is lived in an intense and transparent way, from the first day at school to the melancholy at the end of this academic stage. I consider this report as a complex reflection on this passionate mission of being a teacher. Here are reflected my difficulties, the goals achieved, the relationship with the entire school community and, of course, all my thoughts on the various themes that accompanied me during the school year. I intend this report to be my real image and when you read it, glimpse my personality reflected in this incredible and difficult adventure as a teacher.

KEYWORDS: STUDENTS; TEACHING; LEARNING; TEACHER, PHYSICAL EDUCATION; PROFESSIONAL INTERNSHIP

Lista de Abreviaturas:

EF- Educação Física

EP- Estágio Profissional

ESV- Escola Secundária de Valongo

FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

NE- Núcleo de Estágio

PE- Professor Estagiário

REP- Relatório de Estágio Profissional

UD- Unidade Didática

UT- Unidade Temática

1. Introdução

Este documento insere-se no âmbito do Estágio Profissional (EP), que é parte integrante do programa curricular do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. A elaboração do relatório deve ter por base um processo reflexivo, intencional, responsável e operacional, ou seja, deve ser algo que desenvolva a crítica construtiva, com o propósito de atingir um determinado objetivo.

“É sempre difícil a síntese entre o pensamento científico e a prática pedagógica profissional. O primeiro, de raiz teórica e, como tal, mais abstrato e formalmente organizado, baseia-se na investigação e está, amiúde, dissociado dos problemas quotidianos e dos saberes da experiência; o segundo, envolto em intuições, em saber-fazer de matriz técnica e artística, dificilmente teorizáveis, olha, também com desconfiança, as formulações mais académicas.” (Rosado, 2011, p. 7). Este autor fala da importância da definição dos objetivos relacionados com as tarefas a realizar durante o ano de estágio e da dificuldade de transformar todo o saber adquirido no plano teórico para a vertente prática.

As minhas expectativas enquanto PE estarão patentes neste documento, bem como as ambições, metas, estratégias e métodos utilizados que me permitiram investir numa análise mais cuidada dos pequenos passos necessários para alcançar o sucesso neste grande desafio, não fosse essa a maior experiência do meu percurso académico. Creio estar aqui presente a minha realidade durante um ano letivo recheado de vivências incríveis para o meu crescimento enquanto docente. Revivo aqui toda a minha história com capítulos bons e menos bons, mas que sem dúvida serviram de aprendizagem nesta grande arte que é ensinar. Resumindo, este documento serviu como uma espécie de “laboratório” para melhorar o meu desempenho como professor ao nível comportamental e o meu futuro como profissional na área.

Aqui mostrarei a minha realidade “nua e crua” como professor, com todas as minhas dificuldades, reflexões acerca do processo, dúvidas e incertezas. Quero reler este documento num futuro próximo e lembrar com detalhe uma experiência rica em aprendizagens e ensinamentos. Quero mostrar através do meu relatório apenas e só a minha verdade, o meu mundo imperfeito enquanto professor, longe daquilo que imaginei um dia. Honestamente nunca pensei que o estágio tivesse um cariz tão profissional no que toca ao seu funcionamento como um todo. Não estava à espera de tantas dificuldades na liderança de uma turma e que este percurso fosse um caminho tão exigente e frenético no que toca às suas rotinas. Senti um verdadeiro misto de sentimentos, entre eles a frustração de uma aula menos boa e a alegria estampada no rosto dos meus alunos após uma tarefa desafiante e bem conseguida. Quero que entrem e vivam esta experiência comigo, e quiçá, que sirva de inspiração ou apenas um alerta para quem me visitar no futuro. Foi apenas o meu caminho, recheado de aprendizagens e lições imensamente

gratificantes e enriquecedoras. Nunca pretendi que a minha passagem pelo estágio fosse perfeita pois reconheço todos os percalços vividos onde procurei aprender em cada um deles.

2. Enquadramento Pessoal

2.1. Quem sou eu? (o meu percurso)

O meu nome é Rodrigo Dias da Costa, tenho 31 anos e vivo em Vila Nova de Gaia com os meus pais. Nasci no Brasil (onde tenho praticamente toda a minha família) embora tenha vindo para Portugal muito novo. Atualmente sou Treinador Pessoal numa empresa de desenvolvimento de técnica individual na área do futebol e também treinador de Futebol no União Nogueirense Futebol Clube onde inclusive jogo pelo escalão sénior. Já há alguns anos estou ligado ao Treino Desportivo (Futebol) onde tive uma longa passagem pelo Vilanovense Futebol Clube (Gaia).

A minha primeira experiência no desporto foi no Futebol, tinha eu 10 anos de idade, uma modalidade que me acompanha até hoje. Foi através deste desporto que entendi o que é o espírito de equipa e onde adquiri valores tais como o respeito pelo outro, a superação, o compromisso, entre outros, tendo conhecido pessoas com as quais nos dias de hoje ainda mantenho uma grande ligação e amizade. Tal como refere Rosado e Mesquita (2011) *“As tentativas de procurar afetar o desenvolvimento de valores exigem um conhecimento aprofundado dos processos de desenvolvimento e de educação para os valores. Afetar a motivação, a definição de objetivos, o desejo e a ambição, desenvolver valores adequados à competição, aprender a respeitar as regras e os outros, desenvolver o fair-play e os comportamentos éticos, as relações com os outros no que se refere ao respeito e à aceitação da diversidade, aprender a ganhar e a perder, são tudo aspetos verdadeiramente essenciais de uma educação físico-desportiva integral.”*

Inicialmente o meu intuito era ingressar pela vertente de fitness, pois tinha como modelo o meu irmão mais velho, que já exercia estas funções e despertou em mim bastante interesse por esta área. Contudo, ao longo do meu percurso, tive a oportunidade de contactar mais de perto com o ramo do treino desportivo, mais especificamente o futebol, que suscitou em mim uma paixão por esta vertente. Sempre fui praticante desta modalidade em contexto competitivo (desde os 10 anos até os dias de hoje). Foi então que no final da licenciatura e na impossibilidade de seguir o Mestrado de Treino de Alto Rendimento, optei pela minha segunda escolha, o Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Na verdade, e sendo extremamente honesto, este mestrado era a única possibilidade no momento.

Hoje e sempre fui um aficionado pela prática desportiva e tudo o que dela sucede, espero poder transmitir, partilhar e aplicar os conhecimentos e saberes adquiridos ao longo dos anos de formação, sendo que também as crianças e os jovens me proporcionarão novas aprendizagens. Espero ter contribuído para a formação integral dos alunos, visto que a Educação Física tem um papel importante no desenvolvimento pleno da pessoa.

Considero-me uma pessoa bastante próxima no que toca à relação humana e ao contacto com o público em geral (seja ele qual for). Sempre tive alguma facilidade em criar um bom entrosamento nos grupos sociais no qual era inserido e creio que este traço de personalidade me deu uma certa vantagem ao longo do meu percurso enquanto professor-estagiário. Como diz Nóvoa (citado por Ferreira, 2013, p. 119) *“não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”*.

“A formação pode e deve fomentar o processo de auto e hétero-desenvolvimento do indivíduo, abrindo novos caminhos, estabelecendo novos objetivos, proporcionando condições de desenvolvimento pessoal e profissional, baseados em estratégias que possibilitem uma maior capacidade de adaptação e modos de equilíbrios superiores.” Cunha (citado por Ferreira, 2013, p. 119).

Creio ser um profissional bastante proativo e organizado na minha área, mas infelizmente não fui capaz de vincar essa virtude no âmbito da minha prática pedagógica na escola. Gostaria de ter estado mais presente e envolvido nas atividades relacionadas ao estágio, mas em função das minhas outras preocupações, sinto que perdi essa oportunidade. Ainda assim, com algum esforço e sacrifício ia mostrando a minha personalidade empática e disposta com todos os que cruzavam o meu caminho. Como o autor anteriormente menciona, o estágio foi realmente uma oportunidade de melhorar e moldar a minha essência enquanto professor.

2.2. Expetativas em relação ao Estágio Profissional

O início não foi fácil. A minha chegada à escola e os primeiros dias antes de iniciar o estágio foram sem dúvida momentos de grande instabilidade e cheios de pontos de interrogação. Não estava decidido se enfrentaria o mestrado e estágio ou se faria uma pausa nos estudos em virtude da minha situação pessoal e profissional. Não sentia a motivação necessária para abraçar tamanha responsabilidade. A grande verdade é que se recuar ligeiramente no tempo, nunca tive 100% certeza e convicção de que o queria fazer (no caso, prosseguir os estudos quando acabei a minha licenciatura). “Sofri” alguma pressão familiar, embora pressão talvez não fosse o termo mais adequado. Fui alertado pelos meus pais e irmão que, caso não fizesse o mestrado neste momento, talvez nunca mais o fizesse. A minha idade (29 anos) fazia-me querer ingressar definitivamente no mercado de trabalho e finalizar o meu percurso académico apenas com a licenciatura concluída. A verdade é que decidi seguir em frente para este novo desafio, embora de forma pouco convicta. Foi um ano letivo de pré-estágio bem difícil (encontrava-me a lecionar nas Atividades de Enriquecimento Curricular e ainda tinha o Futebol) o que fazia com que o meu tempo para dedicar ao mestrado fosse escasso. Com notas medianas e longe de um aproveitamento ideal das vivências deste ano letivo, assim era escrito mais um capítulo (não muito rico em experiências) do meu percurso académico. Diversas vezes pairava um sentimento de frustração por não conseguir dar o melhor de mim (fazendo até lembrar aquela parte da música da nossa grande Mariza *“É preciso perdeeeer, pra depois se ganhaaar.”*). Era complexo, pois ao mesmo tempo que queria ter energia para os meus outros compromissos (onde o foco

total era o futebol) vivia uma luta interna para também aproveitar e dar conta de todas as tarefas do mestrado. O primeiro ano é conhecido por ser bastante trabalhoso, pois é nele que supostamente adquirimos competências e vivências que serão úteis posteriormente no estágio profissional. Nunca focado como o mestrado assim o exige, chegava a altura do verdadeiro teste prático: O ESTÁGIO PROFISSIONAL!! A não colocação na escola pretendida revelou-se a primeira “desilusão” no meu caminho. É verdade que a Escola Secundária de Valongo estava longe de ser a minha principal escolha e o facto de morar relativamente distante dela tornou-se também num grande entrave. Vivia ainda na esperança de ser colocado nas Atividades de Enriquecimento Curricular. O fato de já ter exercido a profissão e conseqüentemente ter estado ativo no mercado de trabalho fazia com que me sentisse a “recuar no tempo” e o estágio seria um regresso com a particularidade de não ser remunerado para tal. Juntamente com as minhas outras atividades profissionais (ligadas ao futebol) seria praticamente impossível conciliar as diversas responsabilidades. Digamos que mentalmente não estaria preparado para um sacrifício tão grande durante um longo período. Com o passar do tempo a esperança de ser colocado foi morrendo e o início das aulas (e do estágio) estava logo ali. Era a hora de decidir. Foi com poucas certezas que me apresentei à escola pela primeira vez e entreguei os meus documentos. Estava ali um início tímido e duvidoso, sem saber muito bem o que viria por aí. Falando da escola em si, o impacto foi muito positivo. Gente afável e disponível. Chegava a altura de finalmente conhecer o meu orientador de estágio. O professor José Andrade numa primeira abordagem connosco (núcleo) mostrou-se muito entusiasmado em nos receber. Trocamos as primeiras impressões e ali naquele momento percebi que a tarefa não iria ser fácil, pois a exigência do estágio obrigava-me a ter uma disponibilidade mental (e de tempo!!) que eu duvidei imenso se teria. Foi aí que mais um momento de instabilidade se apoderou de mim e, perante as possíveis dificuldades que adivinhava ter no estágio decidi ter uma conversa franca e honesta com o professor Andrade. Lembro-me perfeitamente. Estava realmente inclinado em abandonar o estágio. Pontuei todos os motivos que me levavam a querer desistir. O professor mostrou-se incansável e sempre ao meu dispor. Graças à sua compreensão e disponibilidade decidi abraçar de vez esta aventura e encarar mais uma etapa da minha formação pessoal. A escola em si mostrou-se bastante acolhedora. O pessoal docente e não docente era bastante amigável e isso fazia com que a minha integração no meio escolar não fosse tão difícil. Todos os funcionários com quem tive contacto fizeram-me sentir acolhido e parte integrante daquela comunidade escolar e isso permitiu-me exercer as minhas funções com tranquilidade e conforto. A relação com os professores foi dos pontos mais positivos deste ano letivo pois inicialmente sentia que pudesse haver uma certa barreira e distanciamento entre nós, mas tal, para o meu agrado, não se verificou. O convívio com o pessoal docente foi extremamente saudável e a sala de professores tornava-se um local agradável de partilha de ideias extremamente enriquecedor para mim. O meu núcleo de estágio era composto por mais dois colegas que não conhecia, apesar de terem sido também estudantes na minha faculdade. E aproveitando para falar um pouco deles, devo dizer que eram duas pessoas com realidades completamente diferentes. Um deles sempre se mostrou bastante disponível e convicto de que queria concluir o mestrado com

qualidade e eficácia. A sua rotina diária permitia-lhe estar mais receptivo a todas as exigências e tarefas propostas ao núcleo. Foi sem dúvida aquele que desde o início mais tentou manter alguma dinâmica de trabalho de grupo. Já o meu outro colega, não tinha a facilidade (assim como eu) de estar tão predisposto a realizar o trabalho e as pendências do estágio. As nossas outras responsabilidades profissionais condicionavam o bom funcionamento do núcleo principalmente por incompatibilidade de horários para trabalhar. O nosso pouco entrosamento foi uma constante ao longo do ano letivo. Não encontramos a melhor forma de ajuda e partilha de conhecimentos/experiências e vivências. Este mau início tornou-se num grande arrependimento na minha opinião, pois apesar de termos tido a felicidade de lecionar no mesmo ano de escolaridade (11^o) não aproveitamos tal fato. Creio que as consequências deste mau início tiveram um impacto na qualidade e organização das minhas aulas. Mas já lá vamos. Chegava a altura da atribuição das turmas pelo professor Andrade. Estivemos presentes nas três aulas de apresentação das três turmas que nos seriam destinadas. O professor Andrade apresentou-nos às turmas e posteriormente falou sobre um conjunto de regras e logísticas das aulas bem como a importância das atitudes e valores como conteúdos da educação física. Após as três apresentações, e ainda antes da atribuição final das turmas, o professor lecionou (em forma de nos mostrar a sua dinâmica de funcionamento relativamente ao seu padrão do processo ensino-aprendizagem) as três primeiras aulas práticas. Fiquei encantado com o carisma que possuía a lecionar, bem como o à vontade com os alunos. Posteriormente chegava a nossa vez de entrar em ação e foi então que tive a minha primeira experiência prática enquanto professor estagiário. Para ser honesto estava à espera de mais dificuldades na prática. Não estava apreensivo pois a experiência do treino de uma certa forma dava-me algum conforto e confiança. Imaginava ter mais problemas no que toca à liderança (pela faixa etária em questão) durante as aulas, mas tal, felizmente, não se verificou. Confesso que estaria mais à vontade com alunos mais novos.

Em conjunto e de acordo com a nossa identificação com as turmas bem com a nossa disponibilidade em termos de horário, chegamos a um consenso com a palavra final a ser do nosso professor cooperante. Fiquei com um 11^o ano (curso Ciências Socioeconómicas). Gostei da turma, aliás, gosto da turma. Devo confessar que o primeiro contato com os alunos (das três turmas) foi bastante positivo. Vinha com alguma desconfiança por não conhecer a escola e os seus arredores. É verdade que tive algum receio de encontrar alunos problemáticos e com contextos sociais preocupantes. Sabia de antemão que era uma faixa etária complicada onde, por norma, os adolescentes revelam uma rebeldia particular e comum da idade. O fato de já ter liderado uma equipa de futebol com a mesma idade, tranquilizava-me de certa forma. Tive algum receio de não saber lidar com algumas potenciais situações de desobediência onde a minha liderança enquanto professor fosse testada. A verdade é que este “medo” fez com que me preparasse mentalmente para possíveis problemas de disciplina, que felizmente, não ocorreram. A minha turma tinha um total de 26 alunos (13 rapazes e 13 raparigas). Apresentava um nível razoável de aptidão e era um grupo de certa forma heterogéneo no que toca às capacidades físicas e técnicas. A grande dificuldade encontrada no início das aulas foi o fato de encontrar

uma parcela considerável da turma sem grande disponibilidade e predisposição para a execução das tarefas propostas. Reside aí, na minha opinião, o grande desafio do professor de educação física. Como motivar, como incentivar, como inspirar os alunos para o gosto das modalidades e do exercício físico. Confesso que tive inúmeras dificuldades ao longo do ano perante este cenário. Receio não ter estado inteiramente ligado a essa missão de ser professor de corpo e alma. Fazia-me confusão chegar a uma aula e não ter a totalidade (ou quase) cheios de vontade de aprender e dar o seu melhor. Infelizmente creio que esta pouca motivação para a prática desportiva está intimamente ligada à questão social dos dias que correm, ao excesso de uso das novas tecnologias. Será que as suas rotinas diárias não prejudicam a pouca disposição que têm para o exercício? Será que nós, professores, seremos reféns desta tendência atual? Da lei no menor esforço, do não necessitar de batalhar para conquistar seja o que for. Não sei. Reflito imenso sobre o caso e não consigo encontrar fundamentos válidos para esses efeitos. Venho do treino, aliás, sou apaixonado pelo treino, e como tal tenho normalmente à minha frente atletas focados, empenhados e disponíveis para aprender e evoluir. Obviamente seria ingénuo da minha parte esperar que no contexto da educação física acontecesse exatamente o mesmo. O facto de abordarmos diversas modalidades faz com que existam alunos mais motivados do que outros. Uma das minhas principais frustrações durante o ano de estágio foi exatamente essa. Criei uma certa expectativa irreal de que teria sempre ao meu dispor alunos 100% empenhados na tarefa. *“É necessário compreender e encarar o ambiente relacional, na sala de aula e no treino, como determinado por diversas variáveis, entre as quais sobressai a afetividade e, em particular, a percepção do ambiente afetivo existente. Esta percepção representa um fator que pode afetar o processo de ensino, influenciando variáveis como a motivação, o ambiente humano e relacional, a estrutura e coesão dos grupos, a gestão de conflitos e de emoções, o empenhamento, a participação e o desenvolvimento pessoal e social.”* (Rosado & Ferreira, 2011, p. 190). Em jeito de reflexão assumo que senti mais dificuldade em ser professor do que treinador.

2.3 Entendimento do Estágio Profissional

... não existe um “manual” definido que comporte a prescrição do modo de estruturar as práticas de ensino em contexto real, contudo a investigação sugere que a chave reside no procurar compreender, avaliar e desenvolver o contexto particular em que a experiência é estruturada, de modo a que os contributos desta etapa formativa possam ser realmente relevantes. (O’Sullivan, 2003)

“Na verdade, importa que a formação superior, além da aquisição de conhecimentos e competências, faça apologia da reflexão crítica, estimulando o estudante a questionar-se continuamente sobre os próprios conteúdos.” (Batista & Queirós, 2013, p.35)

Tendo em conta esta visão, é fulcral uma ação consciente do professor estagiário em relação às suas obrigações enquanto docente, não desvirtuando o real propósito desta etapa. É comum pensarmos que, por sermos estagiários não temos responsabilidade total da turma e tudo o que advém do processo de ser professor, no entanto, ao longo deste ano somos colocados à prova, não só desempenhando o papel de ensinar, mas também assumir todos os procedimentos ligados a esta profissão, como reuniões de conselhos de turma, a avaliação dos alunos, os eventos da escola, a cooperação com outros colegas, entre outras tarefas. *“O estágio profissional tem como objetivo a formação do professor profissional, promotor de um ensino de qualidade. Um professor reflexivo que analisa, reflete e sabe justificar o que faz em consonância com os critérios do profissionalismo docente e o conjunto das funções docentes, entre as quais sobressaem funções letivas, de organização e gestão, investigativas e de cooperação. (Batista & Queirós, 2013, p.38)*

Os conselhos de turma foram sem dúvida vivências bastante enriquecedoras no meu percurso enquanto professor. Perceber a sua dinâmica, modo de funcionamento e como eram partilhadas as opiniões entre professores permitiam-me sentir-me parte ativa deste ano tão importante da minha formação enquanto docente. Os debates referentes às avaliações dos meus alunos e a visão de outros docentes relativamente à turma ajudaram-me a compor uma ideia mais detalhada sobre o perfil das suas capacidades em outros contextos além da educação física.

Na minha ótica o estágio profissional acaba por ser um perfeito laboratório onde as experiências, estratégias e formas de lidar com diferentes situações se tornam num verdadeiro teste à capacidade de ser professor. É importante nesta fase que como professor estagiário tenha a noção que o erro faz parte do processo ensino-aprendizagem e que a reflexão é um dos nossos principais aliados. É o mundo dos porquês. O porquê desta tarefa ter atingido o sucesso nesta turma, e quando aplicada a outra não? O porquê de um plano de aula ser bem pensado e estruturado na prática ter-se tornado uma verdadeira “catástrofe”? Ou o porquê de uma aula preparada à última da hora ter sido um sucesso? Não tinha a real noção que a reflexão seria tão importante e estritamente necessária ao longo da minha prática. Muitas vezes dava por mim a pensar em estratégias para solucionar um potencial problema na logística da aula ou apenas a

tentar encontrar razões para o insucesso (ou sucesso) de determinada tarefa ou exercício. Este ano letivo revelou-se extremamente desgastante a este nível pois a frequência das aulas e as suas progressões juntamente com as outras tarefas inerentes ao mestrado fazia com que nem sempre conseguisse corresponder às suas necessidades.

Encarei este estágio como uma preparação para o mundo real, onde me concederam a oportunidade de aplicar conhecimentos, teorias adquiridas durante anos no meu percurso de formação académica e profissional. *O estágio pedagógico é o processo final na formação de professores e segundo Pacheco (1995), a passagem a estagiário significa uma descontinuidade tripartida da instituição de formação para a escola, de aluno para professor, da teoria para a prática, destacando-se como fortes e marcantes fatores de socialização o contexto prático em que se passa a atuar e os elementos que têm a responsabilidade de o avaliar.* (Lima et al., 2014, pp.79-80). Vi, neste ano letivo uma oportunidade de crescimento a nível profissional, onde pretendi conhecer-me enquanto professor. Este estágio tornou-se um bem precioso para mim, enquanto estudante-estagiário. Reconheci nele a possibilidade de interação com o meio escolar, a oportunidade de lidar com os problemas diários relativos à dinâmica das aulas bem como todo o processo de planificação.

Outra característica inerente ao estágio profissional foi a responsabilidade de assumir uma turma real, com alunos reais, em que é crucial uma boa planificação e determinação de objetivos, de modo a garantir a aprendizagem dos alunos, assim como definir e atribuir valor ao desempenho dos mesmos nas tarefas motoras. Classificar e clarificar a prestação dos membros da turma, nas diferentes modalidades, revelou-se um desafio e um compromisso essencial como professor estagiário. *“Na realidade, é com o estágio pedagógico que se dá o primeiro grande impacto dos estudantes com a prática, sendo este um momento crucial no processo de formação inicial, por via do choque com a realidade e com a responsabilidade total dos papéis inerentes à função de professor»* (Albuquerque, Graça & Januário, 2005, p.80).

Além de toda a burocracia e logística pertencente ao processo de estágio, o que englobou todas as tarefas padrão, como por exemplo, a elaboração de planos de aula e reflexões, tornou-se enriquecedor recorrer a atividades extra, dando uma vida nova e tornando o ano de estágio mais proveitoso e completo. Fazer “algo mais” pela turma, ou seja, ser diferenciador, promover a motivação dos alunos, fazendo com que o estágio ganhasse uma dimensão mais abrangente. O recurso a torneios, passar mais tempo na comunidade escolar do que o estritamente necessário, a partilha de conhecimentos e ideias com outros professores, sendo eles os colegas de estágio ou professores da escola, garantiram-me uma passagem memorável pelo processo. *“De acordo com a conceção de Pimenta (2008), ser professor é ir mais além das atividades burocráticas para qual se formam técnicos. A natureza do trabalho docente, que é ensinar, contribui para formação dos alunos nas atitudes, nos valores, nas habilidades e em conhecimentos que contribuam para os munir dos saberes necessários ao enfrentamento dos desafios que a prática social lhes impõe no cotidiano.* (Sérgio, 2014, p.17).

Foi um ano de absorção de ideias e vivências que serão importantes para um futuro próximo. O abrir e o fechar de uma janela de oportunidades que, se não estivermos disponíveis e 100% envolvidos, não usufruíamos do espetáculo.

Para finalizar resta dizer que vivi o estágio profissional como uma oportunidade real de estar no mercado de trabalho, vivendo os seus dilemas e desfrutando ao máximo de todas as experiências enquanto professor.

3. Enquadramento Institucional

3.1. O que é a escola como instituição?

O conceito de instituição é fundamental na análise sociológica de uma escola. Ele tem um significado preciso, mas muitas vezes distante do que é usado a nível de senso comum de uma escola. Em sentido sociológico, podemos considerar uma instituição como um conjunto de regras e procedimentos padronizados que são reconhecidos, valorizados e sancionados pela sociedade ou por um coletivo para o qual possuem enorme valor social.

A escola na minha opinião é um local destinado ao ensino de forma organizada. Onde o saber está estruturado de forma a propiciar um processo de aprendizagem abrangente e com ligação direta entre os seus diversos setores. Vemos a escola como meio cultural ao dispor da sociedade e onde vemos uma instituição cada vez mais rica de valores e com um cariz multidisciplinar. Não podemos dissociar a escola do seu lado inclusivo onde esta característica tem-se revelado cada vez mais preponderante. É de facto um lugar onde se moldam sonhos, onde se “desenham” futuros e onde se partilham as mais diversas vivências. É um lugar onde diferentes culturas coexistem recheado de personalidades completamente distintas. Talvez resida aí parte da beleza do ensino em meio escolar.

“No que concerne à realidade ESCOLA, ou seja, ao segundo pilar do edifício EP, procuraram levantar e analisar profundamente o seu enquadramento geográfico, as características socioeconómicas da população que serve, os colegas professores, as instalações e os materiais específicos para as aulas, as políticas educativas e os programas, os regulamentos e os projetos da escola, etc.” (Rolim, 2013, p.62)

“... defender a visão estreita da escola como um espaço exclusivo de “lições a ensinar e lições a tomar”, devendo assim estar imunizada (a escola) das lutas, dos conflitos, que se dão “longe dela”, no mundo distante.” (Paulo Freire, 1994)

A verdade é que a escola tem hoje uma dimensão muito mais abrangente. Longe estão os tempos onde a única função da escola era simplesmente transmitir conhecimento através dos seus professores. Atualmente, e pela constante evolução da sociedade, a escola passa a ter uma responsabilidade acrescida na vida dos seus alunos. Os seus professores passam a ser cruciais no desenvolvimento dos seus alunos não só ao nível do processo ensino-aprendizagem, mas também em relação aos problemas do seu quotidiano. *“Assim, a principal função do professor já não é dar o programa todo, mas é a de interpretar, gerir e adaptar o currículo às características e necessidades dos seus alunos, criando contextos de aprendizagem tão fecundos quanto possível”.* (Figueiredo, 1998)

Na minha opinião, acredito que o meio escolar em si, onde incluo os professores como atores principais, é capaz de “salvar vidas” e mudar futuros. Uma palavra amiga na hora exata,

um conselho assertivo ou até mesmo um valente “puxão de orelhas” são por vezes extremamente importantes. Sem querer exagerar, creio que o professor de hoje deve ser mais que um transmissor de matéria e a escola mais do que um meio para o atingir. Os valores praticados pela escola são fatores decisivos no que toca a todo o processo e a escola moderna deve ser proativa e capaz de suprir todas as necessidades dos seus alunos. Infelizmente os dias que correm trazem-nos cada vez mais problemas distintos, peculiares e extremamente delicados, cabendo à escola ser capaz de dar uma resposta eficaz.

Relativamente à EF nas escolas, esta foge ainda mais da normalidade pois é lecionada em espaços abertos, amplos, sem a rigidez característica da sala de aula. Essa liberdade é interpretada pelos alunos que costumam sentir nas aulas de EF uma sensação de relaxamento. É aqui que, na minha opinião, reside a difícil missão do professor de EF, ensinar e inspirar os seus alunos. *Castuera (2004, p. 123) crê «que as aulas de EF devem contemplar como essencial uma programação focada para a saúde. Devemos envolver os alunos na tarefa, fomentando a participação, a aprendizagem, o disfrute e a autoconfiança, onde se inclua uma grande variedade de atividades motivantes para os alunos.»*

3.2. Como é a escola onde realizo o estágio?

A escola onde realizei o EP pertence ao concelho de Valongo, distrito do Porto, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Valongo (AEV). A escola secundária de Valongo existe desde 26 de setembro de 1989. Fez, o ano passado, 30 anos.

Criado há cerca de 6 anos, o Agrupamento de Escolas de Valongo (Composto pelas seguintes escolas; Ver página da escola em www.esvalongo.org) pretende que nas suas escolas que haja uma “qualidade que se impõe pela excelência das suas práticas».

É uma escola pública que responde perante as instâncias do Ministério da Educação.

A oferta curricular é bastante diversificada:

- Pré-escolar;
- 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico;
- Ensino secundário com cursos científico-humanistas: ciências e tecnologias, ciências socioeconómicas e línguas e humanidades;
- Cursos profissionais de nível 4 de qualificação;
- Cursos de educação e formação de jovens (CEF);
- Cursos de educação e formação de adultos (EFA);
- Ensino recorrente.

Segundo se pode ler na página online do agrupamento, “as escolas são estabelecimentos aos quais está confiada uma missão de serviço público, que consiste em dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se ativamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do País. (Decreto-Lei nº 73/2008, de 22 de abril)”. Não poderia estar mais de acordo.

Os jovens de hoje são o futuro de amanhã, por isso, cabe-nos a nós, professores, muni-los dos melhores valores para serem bons cidadãos.

No AEV, tanto na pré-escolar, como na básica e como na secundária, os princípios orientadores são os seguintes:

- Promover o sucesso educativo na sua plenitude;
- Integrar a escola na comunidade que serve e estabelecer a interligação do ensino e das atividades económicas, sociais, culturais e científicas;
- Contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos no sentido da educação para a cidadania;

- Assegurar a participação de todos os intervenientes no processo educativo, dos alunos e das suas famílias, docentes e não docentes, da autarquia e de entidades representativas das atividades e instituições económicas, sociais, culturais e científicas, tendo em conta as características específicas dos vários níveis e tipologias de educação e de formação;
- Valorizar a cidadania europeia;
- Preservar o património natural e cultural, a defesa ambiental e gestão dos recursos;
- Promover a saúde individual, familiar e da comunidade.

A escola encontra-se situada numa zona residencial com uma população bastante heterogénea e em crescimento. Nas imediações, podemos ver a câmara municipal de Valongo, bem como o pavilhão desportivo de Valongo. Não obstante, a escola tem presente elementos de todas as classes socioeconómicas.

Em termos de recursos para a AEF, a escola tinha à sua disposição um pavilhão polidesportivo, bem como dois desportivos exteriores.

Todas as instalações da escola estão em ótimo estado de conservação. O facto de possuir um espaço exterior de grande dimensão permitiu uma excelente articulação e gestão das modalidades abordadas bem como a sua prática.

A escola onde realizei o meu estágio profissional era bastante organizada, onde os seus diversos setores atuavam de forma disciplinada e coordenada. A escola Secundária de Valongo foi, sem dúvida, um palco de experiências enriquecedoras no que toca ao meu desenvolvimento enquanto professor. A sua comunidade (funcionários, professores residentes e alunos) foram bastante acolhedores e amigáveis em todo o processo. Senti conforto e recetibilidade. Creio que é uma escola pacata (não me recordo de situações negativas e passíveis de grande relevo e dimensão) no que toca aos comuns problemas tradicionalmente vividos no seu seio. O facto de ter vivenciado de perto outras dinâmicas da comunidade escolar fez notar a grande congruência de valores e métodos presentes na escola de Valongo. De facto, tive a felicidade de me ter cruzado com pessoas bastante afáveis e disponíveis em diversos campos o que facilitou todo o meu percurso neste ano de estágio.

No caso da turma na qual desenvolvi o meu EP foi um 11ºano, inserido no Curso de ciências socioeconómicas disponível nesta instituição.

3.3 Infraestruturas e Recursos da Escola Secundária de Valongo

Em termos de recursos para a prática da EF, a Escola dispõe um Pavilhão Polidesportivo, bem como dois campos desportivos exteriores.

Seguem abaixo algumas fotografias dos mesmos.

Os espaços estão em bom estado para a prática desportiva, embora demonstrem que já têm alguns anos. Quando a aula era no exterior e as condições climatéricas não permitiam à prática da disciplina, não se juntava mais uma turma no espaço interior, mas dava-se uma aula teórica.



Fig. 1: Fachada da entrada do pavilhão polidesportivo



Fig. 2: Interior do pavilhão poliesportivo



Fig.3: Alguns alunos no campo desportivo exterior



Fig. 4: Campo desportivo exterior, com vista para a Serra de Valongo

Em relação aos recursos físicos da escola não tive grandes contrariedades e dificuldades. A verdade é que os dois campos exteriores e o devido planeamento entre os professores permitiram uma boa organização e gestão dos espaços. A rotação era feita de forma a nenhuma turma ser prejudicada. Existiam quatro turmas em simultâneo nos espaços destinados à educação física onde três delas usufruíam do pavilhão e uma delas ficava remetida ao espaço exterior rotativamente. A excelente dinâmica e a atempada definição da ocupação dos espaços facilitaram o devido planeamento das aulas.

No que toca ao material disponível, é conveniente dizer que na abordagem de determinadas modalidades (como por exemplo o badminton) surgiram alguns imprevistos. As raquetes e volantes acabavam por ser não ser suficiente quando estava mais que uma turma a lecionar a mesma modalidade e fui obrigado a organizar alguns exercícios de forma a todos poderem realizar a aula e a abordagem aos conteúdos a lecionar não fosse condicionada.

A logística em relação ao material desportivo disponível foi gerida com os alunos. Estes estavam encarregues de trazer o material para a aula bem como arrumar no final da mesma com a supervisão do professor. De salientar que o material utilizado para a parte inicial da aula (treino funcional) era abundante e permitia uma variedade de exercícios o que possibilitava uma maior motivação dos alunos.

Algo que me traz um certo arrependimento foi não ter trazido material novo para a escola que pudesse ter sido útil na dinâmica de alguns exercícios quer seja no treino funcional, quer seja nas modalidades lecionadas. Dada a variedade de tarefas realizadas no treino funcional, teria sido interessante apostar em diversificar o material para que os alunos se sentissem ainda mais entusiasmados. A verdade é que o treino funcional (implementado nas aulas de EF na escola secundária de Valongo) era um sucesso e creio que os próprios alunos poderiam ter aproveitado ainda mais caso fosse mais criativo nessa na sua realização. Em relação ao material utilizado para a prática das modalidades abordadas, talvez pudesse ter sido mais imaginativo em determinadas ocasiões, quando reparava que alguma tarefa não era bem conseguida ou não atingia o sucesso pretendido.

O treino funcional, sempre presente no início das aulas, foi uma das grandes surpresas positivas da minha experiência enquanto professor estagiário. Fiquei extremamente satisfeito com a adesão e a disponibilidade dos alunos para a sua prática. Foi notória a evolução no capítulo da aptidão física espelhada na melhoria dos resultados ao longo dos três períodos. Para além disso devo referir que os resultados nas baterias de testes fitschool e fitescola foram excelentes com um esforço e uma prestação bastante satisfatória de toda a turma.

4. Enquadramento Operacional

4.1. Núcleo de estágio

Após ter sido colocado na Escola Secundária de Valongo (não sendo de todo a minha primeira opção, até pela distância à minha residência) deparei-me com dois colegas de estágio que não conhecia. Um dos meus colegas frequentou em simultâneo o primeiro ano de mestrado, contudo não sendo da minha turma. Em relação ao meu outro colega, este já tinha concluído o primeiro ano, e apenas lhe faltava o ano de estágio.

A nossa dinâmica enquanto núcleo não funcionou de todo, devido à incapacidade de conciliar rotinas para a realização das tarefas propostas. Eu e um deles estávamos em situações parecidas, no que diz respeito à rotina profissional, nomeadamente em paralelo com o estágio tínhamos a responsabilidade do futebol, éramos ambos treinadores principais de equipas de formação, o que nos sugava tempo para dedicar ao núcleo. Já o outro, desde o início se mostrou muito mais disponível e predisposto a dinamizar e encontrar uma forma de concluir as tarefas. No entanto, ao longo do EP, revelou alguma desmotivação nesta tarefa, tendo enveredado mais pela sua situação individual, e diminuindo a cooperação e a dinâmica do trio.

A dinâmica do nosso núcleo tornou-se, na minha opinião, um dos meus principais arrependimentos neste ano de estágio. Independentemente de ter estado numa situação com pouca disponibilidade de tempo, em função das minhas outras obrigações, o não ter lutado pelo grupo, prejudicou-me a nível individual, refletindo-se na qualidade dos deveres enquanto estagiário.

Este início conturbado enquanto grupo condicionou, a meu ver, a sequência do EP. Faltou entretajuda e proatividade de todos na organização e planeamento de todas as tarefas propostas. Tenho certamente uma grande parcela de culpa, mas na altura o meu foco principal não estava no EP.

“Quanto mais profícua for a cooperação entre as estruturas que coabitam neste caldo nuclear e celular, melhor será o desfecho final, derivando em profissionais:

- (i) *mais críticos e mais reflexivos e, por isso, mais competentes e capazes;*
- (ii) *mais humildes e mais instruídos e, por isso, mais cultos e informados;*
- (iii) *mais ponderados, mais idóneos e mais sérios e, por isso, mais responsáveis e íntegros;*
- (iv) *mais curiosos, mais fecundos e mais criativos e, por isso, mais fascinantes, inspiradores e contagiantes; e, sobretudo,*
- (v) *mais atentos, mais disponíveis e mais altruístas e, por isso, mais humanos.” (Rolim, 2013, pp. 65-66)*

O estágio exige algum espírito de sacrifício, entrega e determinação e de certa forma, não fui capaz de o aproveitar da melhor maneira. O núcleo é fundamental em todo o processo. A união, a sintonia e a cumplicidade deve estar sempre presente no seio do grupo. Como diz o ditado “a

união faz a força” e neste caso não é diferente. Os colegas de núcleo devem ser aliados, devem ser acima de tudo companheiros de “guerra” sempre disponíveis a ajudar, fazendo valer, cada um com as suas valências, neutralizando os defeitos e trabalhando para um fim comum, a aprendizagem dos alunos e a evolução enquanto professor.

O núcleo de estágio é, na minha opinião, uma das partes mais importantes de todo o processo. É com ele que podemos evoluir através do debate diário e partilha de conhecimentos. Acredito que, se cada membro do núcleo estiver ativamente envolvido nas tarefas diárias da escola, os problemas são solucionados de forma mais simples e a experiência deste ano curricular tornar-se-ia mais enriquecedora.



Fig. 5: Núcleo de estágio

4.2. O papel do Professor Cooperante e do Orientador

Se imaginarmos uma peça de teatro, o professor estagiário ocupa o papel principal. Contudo, é essencial todo o processo inerente antes da apresentação da mesma, a preparação e todas as pessoas envolvidas tornam-se fundamentais. O primeiro ano do mestrado, em que assumimos alguma participação a lecionar aulas em grupo, é o primeiro ensaio para a nossa atuação autónoma enquanto professor estagiário, sendo o ano de estágio o derradeiro desafio.

“Sem dúvida que foi este percurso repleto de múltiplas experiências que, moldando a nossa maneira de ser e a nossa personalidade, marcou, definiu e caracterizou o nosso modo de estar na profissão e, em consequência, a forma como fomos realizando o trabalho de orientação.” (Rodrigues, 2013).

No que toca à condução de todo o processo formativo deste ano estágio, devo mencionar duas pessoas fulcrais neste propósito. O meu professor Cooperante revelou-se um grande suporte, não só ao nível daquilo que era toda a logística e enquadramento no meio escolar, bem como na vertente motivacional. Muitas foram as vezes, que perante algum incumprimento da minha parte, ele surgia como elemento orientador e encaminhava-me para uma solução aos problemas do EP. Devo muito ao professor José Andrade. Foi sem dúvida, a pessoa que mais me incentivou, “não me permitindo” abandonar o estágio profissional. Recordo-me de vários episódios onde estive na iminência de deixar o mestrado por problemas pessoais e profissionais e ele tentava demover-me da decisão encontrando uma solução para os meus problemas. São pessoas como o professor José Andrade que fazem falta no meio escolar, enquanto docente é muito competente e exigente e enquanto “colega” foi bastante atencioso e sensível com todas as nossas adversidades.

“Orientador de estágio é um termo a que, todos os que de qualquer forma estão ligados ao ensino, reagirão com familiaridade e o entenderão como a identificação de alguém que terá à sua responsabilidade o acompanhamento, orientação e avaliação do processo de estágio pedagógico dos que, terminando a sua formação académica querem ingressar na carreira docente.” (Rodrigues, 2013, p. 93)

Em relação à orientadora, esta surge com um papel preponderante no desenvolvimento e evolução das minhas capacidades relativas ao processo ensino-aprendizagem, tendo sido fundamental todos os feedbacks dados, aquando das observações às minhas aulas. As reuniões de Núcleo de Estágio foram também muito importantes, pois em momentos críticos do ano letivo, serviram como uma bússola, no sentido de resolver algumas pendências, ou até mesmo de não desistir do estágio.

“O orientador terá assim como primeira meta facilitar o desenvolvimento do professor estagiário, ajudando-o a ensinar e a tornar-se um bom profissional e, sendo ele ao mesmo tempo aluno e professor, significa que das suas aprendizagens e do seu desenvolvimento vão resultar reflexos na sua forma de ensinar o que, por sua vez vai influenciar as aprendizagens dos alunos (Alarcão & Tavares, 1987) que tem à sua responsabilidade.”

Tenho pena de não ter mantido um contato mais frequente com a professora orientadora no decorrer do ano de estágio, pois sempre foi incansável no auxílio e na tentativa de acompanhar de perto a nossa prática. Deveria ter dado mais valor e ter-me preparado melhor para as reuniões que podiam, sem dúvida, terem sido mais proveitosas. É importante referir que, tanto o professor cooperante como a orientadora de estágio foram duas pessoas que souberam guiar todo o processo de uma forma organizada e sincronizada no que toca às atividades e tarefas desempenhadas por mim. Senti da parte deles um grande apoio e total disponibilidade na resolução das pendências naturais do ano letivo.

Outra particularidade interessante deste percurso foi o facto de, tanto a orientadora como o professor cooperante serem pessoas acessíveis e que me deram autonomia e confiança para trilhar o meu próprio caminho enquanto professor, adquirindo vivências imprescindíveis para o meu futuro enquanto docente.

“O orientador é um profissional, com mais experiência e com conhecimentos mais claros e refletidos sobre as situações, dificuldades e problemas que ocorrem na ação docente. Deve recorrer à sua própria experiência, mas não se deve de aqui inferir que deve ensinar o formando segundo o seu próprio modelo e de acordo com as suas conceções e expectativas do processo ensino-aprendizagem, como se ele fosse um simples aluno. (Alarcão, I., & Tavares, J. 1987, p. 102)

4.3. A minha turma

Antes da atribuição das turmas, o professor cooperante sugeriu que cada estagiário lecionasse uma aula a cada turma do 11º ano. Ele pretendia com isto perceber a ligação entre professor-alunos, e encaminhar cada turma, para o professor estagiário mais indicado, consoante as suas características, entrosamento e disponibilidade. Sendo que, os horários das aulas foram o principal fator para a distribuição final das turmas, uma vez que eu e um dos meus colegas tínhamos alguma incompatibilidade.

Após este processo fiquei responsável pela turma de um 11º ano. Esta turma, com 13 rapazes e 13 raparigas, apresentava um carácter heterógeno, no que concerne às capacidades físicas, bem como as vivências das modalidades. A minha tarefa enquanto professor desta turma acabou por ser facilitada, dado o bom comportamento geral desta. O primeiro contacto com a turma que foi atribuída foi bastante positivo.

Segundo Belloni, (cit. por Almeida et al, 2013, p.208) o ser humano não se transforma espontaneamente num ser social com competências sociais definitivas e, por essa razão, a socialização, pelas práticas e experiências vivenciadas, assumem uma importância relevante. Deste modo, pode afirmar-se que pela socialização é possível a aprendizagem e a transmissão social dos valores, dos modos de vida, das ideias e crenças, dos modelos de comportamento, dos papéis sociais e ainda o conhecimento e compreensão das próprias limitações e capacidades.”

Uma das tarefas obrigatórias do professor estagiário passa pela observação de aulas dos outros estagiários, assim como de professores da escola. Este facto permitiu-me contactar com um vasto leque de alunos, percebendo diferentes dinâmicas e avaliando diversas personalidades. Outra questão relevante é perceber como outros colegas aplicam estratégias e métodos de ensino, para liderar as suas turmas, possibilitando a comparação com a minha prática. Ao realizar as observações de forma sistemática pude perceber muito do comportamento do professor e dos alunos. Consegui analisar vários fatores que acabam por ser decisivos na nossa prática. O posicionamento perante a turma, a consistência e tipo do feedback, a envolvência dos alunos são pontos fulcrais se queremos ser professores mais completos. Um dos aspetos mais importantes, na minha opinião, foi perceber o poder do nosso feedback enquanto professores.

Como refere Sarmiento (2004, cit. Por Cunha et al 2014, p.202) a observação é, assim, um procedimento ativo e complexo, em que as diferenças entre observadores ou entre contextos desencadeiam percepções distintas da realidade.

5. Organização e gestão do processo ensino aprendizagem

“É sempre difícil a síntese entre o pensamento científico e a prática pedagógica e profissional. O primeiro, de raiz teórica e, como tal, mais abstrato e formalmente organizado, baseia-se na investigação e está, amiúde, dissociado dos problemas quotidianos e dos saberes da experiência; o segundo envolto em intuições, em saber-fazer de matriz técnica e artística, dificilmente teorizáveis, olha, também com desconfiança, para as formulações mais académicas.” (Rosado & Mesquita, 2011).

Ao longo da minha formação académica, principalmente no primeiro ano deste mestrado, tive a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica de diferentes formas. As didáticas foram uma rampa de lançamento no que toca à presente missão de ser professor. Foi através de práticas simuladas, aulas dadas em grupo, e até mesmo em meio escolar real, que recolhi diversas aptidões, conhecimentos, que se tornaram úteis para o meu ano de estágio. No entanto, foi só no âmbito real do contexto, ou seja, ser o único responsável pela turma que lecionei, que experimentei as verdadeiras dificuldades da profissão. Apesar de existir um núcleo, as decisões referentes à minha turma, eram tomadas baseadas naquilo que foram as minhas vivências, as minhas convicções, o meu sentido reflexivo, e uma dose de instinto. Neste caminho tive a felicidade de poder contar com a ajuda de um professor cooperante bastante disponível no que toca a todo o processo de organização e reflexão das aulas. Foram inúmeras as vezes que debatemos e, nem sempre opinando da mesma forma, conseguimos chegar a um consenso que possibilitava uma prática mais cautelosa, organizada e fundamentada. As reflexões sobre as aulas eram muitas vezes feitas pessoalmente e em conjunto logo após o seu término. Esta logística tornou-se fulcral ao longo do ano letivo, pois aula após aula era desafiado e confrontado com questões, correções e conselhos que me faziam evoluir enquanto docente. *“A reflexão é importante para uma decisão apropriada para solucionar um problema”* como menciona Rodrigues (citado por Azevedo, 2014, p. 62).

Na minha opinião este processo (de organização e gestão do ensino-aprendizagem) é uma tarefa recheada de dificuldades que nos fazem crescer como professores-estagiários. Foi daqui que surgiram as dúvidas e indecisões características deste início. Foi aqui que vislumbrei uma janela de oportunidade de crescimento a nível profissional no que toca ao desenvolvimento, e à capacidade de gerir o meu saber em função do que me estava a ser solicitado na prática.

Segundo Huberman (citado por Ferreira, 2013, p. 116) *O professor estagiário defronta-se com dois sentimentos: o da sobrevivência, que se caracteriza pela luta em não desistir da profissão, ao deparar-se com todas as adversidades; e o da descoberta, que se caracteriza pelo facto de se sentir um profissional, de se descobrir enquanto profissional.”*

Uma outra vertente inerente a este procedimento é o fato deste, na minha opinião, parecer vago e tremendamente teórico. Um dos grandes entraves que tive durante o meu ano de estágio foi a incapacidade de perceber de forma clara e objetiva esta fase (organizar e gerir os conteúdos a abordar). Sempre tive dificuldades em estipular métodos a utilizar a longo prazo e esta minha lacuna era já vivida no meu outro contexto profissional, o futebol. Fiz dessa dificuldade uma oportunidade de evoluir enquanto profissional, não só ao nível do processo ensino-aprendizagem vocacionado para as aulas de EF, mas também para outras áreas.

5.1. Os alunos: todos diferentes, todos iguais!

Antigamente, o professor de Educação Física era visto como uma espécie de general, que colocava todo o seu “exército” em ação, dando as diretrizes de igual forma para todos os que estavam à sua frente. Contudo, ao longo dos tempos, ser professor tornou-se muito mais do que debitar informação, mas sim ter a preocupação de levar o conhecimento a cada um dos seus alunos. Na minha opinião, este deve ter a especial atenção que todos, apesar de merecerem o mesmo respeito, são infinitamente diferentes.

“Há que promover no âmbito da prática educativa, oportunidades ou possibilidades que permitam que todos sejam tratados de forma desigual de acordo com as necessidades, motivações, aptidões... desiguais. Defendemos... com justiça e equidade- uma igualdade diferenciadora de possibilidades educativas” (Colomer, 1991)

O meio escolar é o maior local de diversidade, nele podemos encontrar alunos com características únicas, e necessidades individuais.

Esta capacidade requer muito para além da teoria, e o tato humano, na minha opinião torna-se fundamental. Ser professor é muito mais que executar um plano de aula. É adaptar, selecionar, organizar e improvisar às vezes, ir de encontro ao todo, nunca esquecendo a individualidade.

“A sociedade é, hoje, local de encontro de culturas, concretizando-se esse encontro, em particular, nas Escolas e nos Clubes. Essa realidade torna necessária uma Pedagogia para a Diversidade, isto é, a capacidade de o sistema educativo e desportivo dar respostas qualificadas no que à pedagogia multicultural diz respeito (Mesquita & Rosado, 2011).

Aprendi este ano de estágio que a teoria serviu apenas de guião para a prática pedagógica e que a sensibilidade e o conhecimento do professor foram uma das características mais importantes durante o percurso. Devemos ter em consideração que nem todos os alunos têm a mesma motivação. E como eu descobri isso? Sabemos todos que na Pedagogia não existem fórmulas nem receitas mágicas, sendo a experiência e a ousadia de, por vezes, fazer diferente, pensando “fora da caixa”. Viver a aula juntamente com os alunos foi sempre um dos meus objetivos enquanto professor. Tentei motivá-los ao máximo para a prática desportiva e para as tarefas planeadas sabendo que, se me mostrasse entusiasmado com o que estava a lecionar, a missão de ser professor e de passar a mensagem seria facilitada. Utilizei imensas vezes o

feedback como uma arma a meu favor. Gostei particularmente de explorar o seu poder através da sua forma interrogativa, fazendo o aluno pensar e refletir. Infelizmente nem tudo foi um mar de rosas e algumas vezes senti-me frustrado por não ter recorrido ao método de ensino mais indicado. Relembro-me de ter algumas dificuldades na intervenção quando não tinha dominado na totalidade as componentes críticas de um determinado gesto técnico, deixando assim o processo ensino-aprendizagem condicionado.

“Do ponto de vista das atitudes, importa desenvolver a ideia da necessidade imperiosa de criar um ambiente de aprendizagem, na aula de EF, efetivo e aberto a todos os estudantes e praticantes, cujas habilidades caem fora do nível geral, ou cujas referências culturais diferem das do grupo maioritário, procurando criar um ambiente onde todos possam alcançar o seu máximo potencial.” (Mesquita & Rosado, 2011).

De certa forma, o poder da comunicação nesta relação tornou-se fundamental para mim. Somos seres sociáveis e estamos constantemente a comunicar ao longo do dia. Desenvolver esta aptidão é, na minha opinião, fulcral para uma boa prática pedagógica. Confesso que senti algum conforto e confiança no que toca à relação com os meus alunos. Talvez por me considerar bastante extrovertido tenha perdido a inibição, fazendo com que ultrapassasse diversas barreiras de comunicação.

“Na verdade, as relações sociais fazem parte da vida de todos os humanos, constituindo a essência do seu desenvolvimento e uma vez que vivemos em sociedade, é inevitável o envolvimento em situações de relação social. Em contexto escolar, as relações e interações sociais são manifestamente visíveis, pelo que a importância da interação entre professor e aluno é amplamente referida na literatura” como menciona (Postic 1984; Souza 2002; Ortenzi 2006; Miranda 2008, citado por Almeida, 2013, p. 208).

5.2. A relação professor aluno

Apesar de todas as dificuldades deste ano de estágio, considero a relação que estabeleci com os alunos, um dos pontos mais positivos da minha prática. A proximidade e o à vontade conseguido com eles foi algo que facilitou todo o processo. Verifiquei que todo o conteúdo que queria transmitir era passado de uma forma mais simples quando a minha interação com a turma era mais profunda. Quero com isto dizer que, de nada vale termos todo o conhecimento técnico, se não o conseguirmos aplicar na prática. *“Face ao exposto, Aquino (1996) apela para a importância da relação entre o professor e os seus alunos. De facto, se a relação for positiva, a probabilidade de se aprender mais aumenta significativamente. Na verdade, a relação estabelecida entre professor e aluno tende a ser proporcional às transformações ocorridas nos mesmos, às quais, por sua vez, são reveladoras da aprendizagem. Se as relações humanas são fundamentais para as mudanças comportamentais, a relação de confiança e afetividade estabelecida entre professores e alunos constitui, como afirma Siqueira (citado por Almeida, 2013, p.209), o cerne do processo pedagógico”*

O professor deve contemplar vários conhecimentos, que lhe permitam adequar a sua prática pedagógica ao contexto real. Arrependi-me, de certa forma, não ter recorrido mais vezes aos meios audiovisuais disponíveis no pavilhão. Várias foram as vezes que, principalmente os gestos técnicos, necessitavam de uma demonstração mais detalhada e assertiva, e a utilização de vídeos poderia ter sido bastante interessante na minha comunicação com os alunos e numa atuação mais pormenorizada e eficaz.

A proximidade de idades, assim como o gosto por algumas modalidades específicas e das rotinas estabelecidas, promoveram uma dinâmica genuína entre mim e os alunos. Em algumas situações, quando a minha motivação não era a mais adequada para lecionar uma aula de EF, fruto de alguns problemas profissionais alheios ao estágio, eram os alunos com toda a sua espontaneidade que contribuíam para que naquele momento, fizesse sentido um esforço extra da minha parte, tendo a capacidade de desligar de “tudo” e dar o melhor de mim. (ver música)

“Em síntese, fazendo uso das palavras da autora e tendo em conta aquilo que vivenciei no ano de estágio, acredito que *«a força da relação existente entre professores e alunos é, de fato, significativa para que os resultados do processo de ensino-aprendizagem possam ser mais positivo»* (Almeida, 2013)

“Todavia, se por um lado não deixa de ser mais exigente para o professor atender à coexistência da diversidade sócio-cultural dos alunos, não mais possível de ignorar, por outro, assume maior riqueza, na medida em que é da convergência e partilha das diferenças que se criam condições para ascender a uma sociedade mais equilibrada, assente na pluralidade de ideias, concepções, espaços e vivências” (Bento, 1999).

6. Planeamento e Avaliação

O planeamento é a base de todo o processo ensino-aprendizagem. Constatei este facto ao deparar-me com as dificuldades no que toca à estruturação de um plano de aula, a logística inerente, bem como todo o pensamento que antecede este procedimento. Na minha opinião, e devido ao pouco tempo despendido neste processo durante todo o EP, percebo agora a importância de um bom e atempado planeamento para o sucesso de uma abordagem de uma determinada modalidade. Se este for devidamente estruturado, acaba por ser a maior “arma” que um professor, essencialmente numa fase inicial, tem ao seu dispor para desempenhar o seu papel, diminuindo a margem de erro e evitando potenciais situações de improviso.

“A planificação e análise/avaliação do ensino são, justamente, necessidades e momentos desencadadores de reflexão acerca da teoria e prática do ensino. Por isso mesmo, aumentam a competência didática e metodológica e geram segurança de ação. Não somente porque o ensino, mediante planificação e análise, adquire os contornos de uma atividade racional, humana, mas também porque, deste modo o professor se liberta de determinadas preocupações, ficando disponível para a vivência de cada aula como um ato criativo.” (Bento, 2003)

A elaboração do plano de aula foi realmente umas das tarefas mais trabalhosas para mim enquanto professor-estagiário. Tive algumas dificuldades em encontrar o melhor modelo estrutural para o plano, o que tornava a tarefa de relatar os exercícios da aula mais problemático. Encontrar as componentes críticas coerentes com os exercícios e escolher a linguagem mais apropriada para descrever uma tarefa, era um processo rigoroso que exigia algum tempo. Inúmeros foram os erros cometidos no início do ano letivo neste aspeto. Lembro-me perfeitamente de ver um plano de aula elaborado com a convicção de que estaria correto e pronto a aplicar, ser riscado e refeito por mim diversas vezes. Foi esta logística que me fez perceber melhor a estrutura do plano de aula, tornando-o mais vantajoso para a prática.

“Desenvolver uma atitude investigativa sobre a própria prática, ou identificar temas relevantes oriundos de problemas práticos são requisitos de elevada exigência e de difícil cumprimento que se colocam aos programas de formação de professores, mas que muitas vezes nos surpreendem com respostas muito ricas, muito criativas e de grande valor formativo.” Graça (2014, p.7)

Uma das tarefas do professor estagiário passa pela planificação-ação-reflexão, o que envolve uma atitude reflexiva. Compreendi então, o poder do pensamento crítico e solucionei muitos das dificuldades ocorridas em aula pela reflexão e diálogo. Este processo, apesar de ser exaustivo e algo repetitivo, acaba por despoletar no professor um sentido altamente crítico, e proativo, no âmbito do desencadeamento da aprendizagem dos alunos.

“A reflexão é entendida como o pensamento e análise sobre a ação que se identificam os seus aspetos positivos e negativos que permite a reformulação da prática. Tsangaridou e O’Sullivan (citado por Azevedo, 2014, p.69) definiram a reflexão como “o ato de pensar sobre analisar, avaliar, ou alterar significados, intenções, crenças, decisões, ações, ou produtos educacionais ao focar o processo de alcançá-los”.

6.1. A ponte entre o pensamento e a ação

“...o planeamento significa uma reflexão pormenorizada acerca da direção e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina...” (Bento, 2003).

Depois do primeiro ano de mestrado, em que todos os estudantes têm acesso à mesma bagagem, até chegada a hora de iniciar este processo sozinho. Agora, a viagem começou, e preciso de todos os conhecimentos adquiridos ao longo de toda a formação para colocar em prática com a minha turma, na escola onde estava inserido.

No entanto, não existe um livro que nos ensine detalhadamente o que fazer com a nossa turma. É necessário planejar toda a nossa ação, e tomar conhecimento da realidade onde estamos inseridos. Assim, para colocar em prática os conhecimentos, e iniciar o meu ano de estágio tive necessidade de me inteirar do programa de EF aplicado na escola de Valongo, perceber qual o regulamento interno da mesma, entre outros aspetos necessários para definir todo o meu planeamento.

Fui então confrontado com a missão de abordar três modalidades distintas, e aí surgiram as expectativas. Será que dominar uma certa modalidade, (noutro contexto, que não o escolar) me levaria ao sucesso na aprendizagem da minha turma? Será que o facto de não ser um bom praticante de voleibol condicionaria a minha prática? Será que o desconhecimento de uma modalidade tão específica como o badminton, me levaria a ser um desastre na lecionação da mesma?

Verifiquei que, apesar das fragilidades, no que toca por exemplo ao voleibol, um bom planeamento é “meio caminho andado” para o sucesso no processo ensino aprendizagem. A busca pela informação antes de cada aula, revelou-se um passo fundamental na minha ação enquanto professor. As dificuldades tornaram-se motivações, e senti-me cada vez mais confortável com uma modalidade que tinha mais receio em abordar. *“A planificação significa também ligar a própria qualificação e formação permanente do professor ao processo de ensino, à procura de melhores resultados no ensino como resultante do confronto diário com problemas teóricos e práticos”* (Bento, 2003).

Um bom planeamento exige a definição de objetivos. Esse procedimento dá sentido ao processo ensino-aprendizagem, tornando-o mais real e concreto. Senti isso ao experimentar diversos critérios de êxito nas minhas aulas. Constatei também que, quanto mais apurado e dinâmico era este método, mais facilitada era o sequenciamento das aprendizagens. Tal como refere Bento (2003) a planificação e análise/avaliação *“...aumentam a competência didática e metodológica e geram segurança de ação. Não somente porque o ensino, mediante planificação e análise, adquire uns contornos de uma atividade racional, humana, mas também porque, deste modo o professor se liberta de determinadas preocupações, ficando disponível para a vivência de cada aula como um ato criativo.”*

Pude perceber, com o meu percurso como professor, que o planeamento está inerente à prática pedagógica e torna-se parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Na minha opinião, não imaginei a minha prática sem um devido planeamento, mesmo que não seja o mais assertivo e detalhado. Senti algum desconforto neste âmbito por não conseguir transportar o meu conhecimento e embasamento teórico trazido da faculdade para um contexto mais prático e concreto. Com esta dificuldade entendi a importância do planeamento e criação de métodos e meios de ensino objetivos para atingir os meus objetivos enquanto docente. De facto, ter vivenciado diversas aulas na faculdade e ter contactado com inúmeros professores ao longo da minha formação académica fez com que tivesse experimentado diferentes formas de ensinar. Aprendi bastante a observar aulas, perceber estratégias e acabei por selecionar os tipos de ensino e formas de lecionar com que mais me identificava.

“Finalmente deve ter-se em atenção que o planeamento significa uma reflexão pormenorizada acerca da direção e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina, sendo, pois, evidente a relação estreita com a metodologia ou didática específica desta, bem como com os respetivos programas” (Bento, 2003).

6.2. Níveis de planeamento

O planeamento é de facto um dos aspetos fundamentais do processo ensino-aprendizagem. Realizar esta componente foi sem dúvida das minhas grandes dificuldades durante o estágio profissional. Não sabia ao certo como, na prática, deveria colocar os conteúdos, distinguir as diversas partes e priorizar os aspetos fundamentais. Este processo requer uma exigência mental por parte do professor no sentido de equacionar à priori toda a sua bagagem de informação e conteúdos a serem transmitidos aos alunos.

Outra dificuldade deste módulo verificou-se no condicionamento imposto pelas diversas variáveis inerentes a este processo. Respeitar as indicações programáticas e seguir as suas progressões, pré-estabelecer *timings* de abordagem de conteúdos e considerar as condições locais presentes (materiais disponíveis etc..) foram uma barreira difícil de ultrapassar logo no período inicial da minha experiência como professor.

“Os trabalhos de planeamento do professor de Educação Física relacionam a direção essencial das exigências e conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta; são expressão da personalidade do professor, do conhecimento e competência do seu estilo individual de ensinar.” Bento (2003). Neste âmbito, e tal como refere o autor, vivenciei este processo de forma única, com algumas dificuldades no sequenciamento pedagógico do que pretendia lecionar. Foi, de facto, uma experiência enriquecedora pois, além da contextualização concreta dos conteúdos a abordar, surgiam imensas dúvidas no que toca às prioridades e pontos fulcrais da prática. Como encontrar os aspetos mais importantes a lecionar bem como o tempo necessário à sua experimentação. É também oportuno referir que, este planeamento capacitou-me, de certa forma, a ter um ponto de partida e um guião mais macro na minha primeira experiência como docente. Embora não tenha realizado esta tarefa de forma detalhada, reparei que a sua utilização poderia ter facilitado todo o processo nas suas diferentes variáveis. Apesar de todas estas dificuldades no processo, senti que evoluí em termos organizativos e ajudou-me também a antecipar potenciais adversidades da prática bem como a solucionar questões burocráticas ocorrentes ao longo das aulas.

“A atividade de planeamento do professor de Educação Física corporiza ainda uma antecipação mental do seu ensino, compreendendo tomadas de decisão acerca de determinadas categorias didáticas, procurando definir os contornos de um modelo de atuação no processo pedagógico.” Bento (2003).

De facto, um bom planeamento deve respeitar um conjunto de normas e dimensões. Aparentemente sentia que pudesse ser algo simples de realizar, mas após conhecer e principalmente entender todas as suas formas de organização pude descortinar uma complexidade diferente neste processo. Grande parte das minhas dificuldades durante o ano de estágio relacionaram-se com a falta de preparação atempada de toda a logística inerente ao planeamento geral. Os objetivos, a matéria de exercício, os procedimentos metodológicos e as suas formas de organização.

“O plano é um modelo racional, um meio de reconhecimento antecipado e de regulação do comportamento atuante, assumindo as funções de: motivação e estimulação; orientação e controlo; transmissão de vivências e experiências; racionalização da ação.” Bento (2003).

No seguimento desta ideia, surge a necessidade de sequenciar e organizar todo o processo. Em função deste propósito é oportuno realizar um plano anual, onde pudesse estar presente todos os conteúdos a abordar. Seguidamente, foi necessário definir o que lecionar em cada unidade temática, de modo a selecionar um conjunto de conteúdos coerentes e objetivos concretos, para dar sentido à prática pedagógica e a todo o processo ensino aprendizagem. Por fim, em termos mais específicos surge o plano de aula, sendo o nosso guia diário de ação.

“O grau de concretização do modelo de atuação didático-metodológica de reprodução e preparação da situação de ensino tem uma especificidade própria (e diferente) ao nível do plano anual, do plano de período, do plano da unidade temática e ao nível do plano de cada aula” (Bento, 2003)

6.3. Planeamento Anual

“Muitos professores só concebem a ideia e necessidade de planeamento e preparação do ensino unicamente em relação com a aula. Esta- cada aula- surge isoladamente no centro das reflexões, desligada de uma visão do ensino como totalidade contínua e sistemática. Tal forma de planear e preparar o ensino não é a melhor” Bento (2003).

O planeamento anual ficou facilitado pois cada modalidade abrangeria um período na íntegra. O meu professor cooperante facultou-nos então a planificação aprovada pelo grupo de educação física e as três modalidades a abordar. Fiquei a saber que no 1º período lecionaria voleibol, no 2º período badminton e no 3º futebol. No entanto, nem sempre foi assim tão linear, pois os espaços disponíveis não eram constantes durante todo o período, o que levava a adaptar a modalidade, consoante o espaço definido. Existia uma rotação pré-definida entre todos os professores da escola com a particularidade de, sempre que a aula fosse no espaço exterior ao pavilhão, a modalidade a adotar seria o futebol.

A não realização de um planeamento anual atempado e coerente dificultou a minha prática. Infelizmente não fui capaz de elaborar de forma criteriosa e detalhada um conjunto de conteúdos a lecionar em cada uma das modalidades a abordar.

Foi então que percebi que ao longo das unidades didáticas apareciam dúvidas e incongruências que, de certa forma, poderiam ter sido evitadas caso fosse realizado o devido planeamento no seu timing correto.

O plano anual *“É um plano de perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas.” Bento (2003).*

Em certas aulas necessitei de ajustar conteúdos, melhorar e às vezes improvisar o sequenciamento dos exercícios escolhidos e, alterar o próprio plano de aula mais do que o aconselhável. Retirei uma grande aprendizagem nesse sentido. A não elaboração de um plano anual coerente implicou um ajuste constante no seguimento dos conteúdos a abordar. A estimativa do número de aulas necessárias para atingir determinado objetivo numa modalidade é um processo complexo que devia ter sido respeitado. Aprendi que, apesar de não ser visível nas primeiras aulas, um bom planeamento tem implicações diretas no futuro e no sucesso do processo ensino-aprendizagem. Utilizei algumas estratégias, como por exemplo, recorrer a um maior número de aulas para determinado conteúdo ser assimilado.

“A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo.” (Bento, 2003)

Eu, enquanto praticante de futebol, teria mais à vontade e entusiasmo a abordar as modalidades coletivas. Estas incidem mais sobre valores como a cooperação, o espírito de equipa e o fair-play, princípios estes que me acompanharam em todo o meu percurso desportivo. Apesar disso, e como sabia de antemão que abordaria um desporto individual, o badminton, seria também, um grande desafio. O desporto individual incute mais, na minha opinião, a superação, a concentração e o foco mental.

6.4. Unidade Temática

“A planificação é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respetivas disciplinas, e a sua realização prática” (Bento, 2003).

A Unidade Temática (UT) ajudou-me a organizar e a sequenciar todo o conteúdo que queria abordar, respetivamente a uma modalidade. Inicialmente, este processo não foi fácil em função da falta de experiência na prática. Embora tivesse vivenciado a elaboração de uma UT no primeiro ano de mestrado, algo que notei foi que na prática a aplicabilidade era mais difícil pois eu teria de testar a mesma. Este desafio foi ultrapassado com um estudo mais profundo das modalidades respetivas e da partilha de vivências e conhecimentos com outros colegas do meio.

“As unidades temáticas ou didáticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.” (Bento, 2003).

A UT é uma ferramenta essencial para o professor estagiário, pois esta ajuda a definir objetivos, como já mencionei anteriormente. Todavia, esta pode sofrer alterações, consoante a resposta da turma. Assim sendo, foi possível modificar a UT, tornando este procedimento mais delicado e ajustado à evolução dos alunos. Em virtude da evolução da turma em determinado aspeto era

possível adaptar e ajustar alguns conteúdos e alterar as dinâmicas. Por exemplo, foi notório uma dificuldade na questão do entendimento do jogo 2x2 no voleibol, o que originou uma redefinição de estratégias a assumir para o processo ensino-aprendizagem ser efetivo. Esta 'arte' de prever e antecipar tornou-se uma das minhas maiores dificuldades na temática do planeamento.

Entre os desafios da criação de uma UT está a capacidade do professor estagiário estabelecer a sequência e prioridades em relação aos conteúdos a lecionar bem como a tarefa de pormenorizar todo o processo com clareza.

Foram diversas as vezes que me deparei com a dificuldade de ligar e relacionar os conteúdos que estava a abordar no momento e que estavam presentes no plano de aula com os temas presentes na sequência da UT.

“A aula constitui o verdadeiro ponto fulcral do pensamento e da ação do professor. Porém, a sua preparação pormenorizada- a concretização crescente dos objetivos, a estruturação da matéria de ensino, a escolha das atividades dos alunos e de métodos ajustados aos objetivos, aos conteúdos e condições- apenas atinge o seu alvo quando estiver corretamente traçado o itinerário completo do objetivo para o resultado.” (Bento, 2003).

Outra complexidade da elaboração da UT prende-se com a distribuição do número de aulas para determinado conteúdo ou matéria de ensino. Na teoria pensava (de forma ingénuo) que seria fácil discernir o tempo necessário estimado para um determinado gesto técnico ser assimilado no voleibol (por exemplo). Na prática nem sempre foi tão linear e tive de recorrer a alterações estratégicas para poder atingir o meu objetivo perante a turma e face aos alunos que tinha à minha frente.

“Os aspetos essenciais da nova matéria são colocados no início da unidade temática, dedicando-lhes o trabalho de uma ou mais aulas. Fica assim reservado tempo e espaço nas aulas seguintes para exercitar e aplicar de forma variada, para controlar e consolidar profundamente os novos “saberes” e “poderes”.” (Bento, 2003)

Unidade Didática de Badminton															
Data	03 Jan	05 Jan	10 Jan	12 Jan	16 Jan	18 Jan	23 Jan	25 Jan	30 Jan	01 Fev	06 Fev	08 Fev	13 Fev	15 Fev	20 Fev
Sumário	53	55	57	61	63	67	69	71	75	77	83	85	87	91	93
	54	56	58	62	64	68	70	72	76	78	84	86	88	92	94
Nº da Aula	1	3	5	7	9	11	13	15	17	19	21	23	25	27	29
	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30
Habilidades Motoras	Pega da Raquete	AD	I/E	E	E	C									
	Deslocamentos	ADI/E	I/E	E	E	C									
		Serviço curto	AD	I/E	E	E	E	E	E	C					
	Serviço longo	AD/I	E	E	E	E	C								
	Batimentos	Lób	AD	I/E	E	E	E	E	E	C					
		Clear	AD/I	E	E	E	E	C							
		Encosto	AD			I/E	E	E	E	E	C				
		Remate	AD						I/E	E	E	E	E	C	C
		Amorti	AD						I/E	E	E	E	E	C	C
	Jogo 1+1	ADI/E	E	E	E	E	E	E	E	C	C	C	C	C	
Jogo 1x1									I/E	E	E	E	E	E	
Fisiologia do Treino	Capacidades Condicionais	Força	Presente em todas as aulas através de um circuito de treino funcional com 16 estações.												
		Velocidade													
		Resistência													
	Flexibilidade														
Capacidades Coordenativas	Diferenciação cinestésica	Presente em todas as aulas através de um circuito de treino funcional com 16 estações.													
	Coordenação óculo-manual														
	Orientação Espacial														
	Equilíbrio														
Cultura Desportiva	História	Presente em todas as aulas.													
	Terminologia														
	Regulamento														
	Equipamentos														
	Instalações														
	Empenho														
Conceitos Psicossociais	Autonomia	Presente em todas as aulas.													
	Cooperação														
	Fair-Play														
	Autoconfiança														
	Determinação														
	Superação														
	Respeito														

Tab. 1: Unidade Didática de Badminton

6.5. Plano de aula

“A aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor” (Bento, 2003).

O plano de aula é a base de atuação do professor de EF, essencialmente numa fase inicial de carreira. Este documento permite ao professor definir objetivos de aprendizagem, esquematizar todos os momentos de aula, assim como estabelecer todo o feedback a emitir, consoante as habilidades motoras que queremos ensinar. Tal como todos os outros níveis de planeamento, também este não necessita ser cumprido escrupulosamente, desde que o professor tenha capacidade de adaptar o plano à realidade com que se confronta. O plano de aula pode ser muito bem estruturado e quando aplicado a uma turma ser um autêntico fracasso, pois se este não estiver adaptado às necessidades individuais de cada turma/aluno, não serve de nada.

“Nesse sentido toda a aula tem que ser pensada e confrontada ainda mais profundamente com as questões que se prendem com a sua preparação.” (Bento, 2003)

A logística inerente ao planeamento, obrigava-nos no final de todas as semanas a enviar ao professor cooperante os planos de aula relativos à próxima semana. Este processo tornou-se algo repetitivo e, em função da minha pouca disponibilidade horária, bastante condicionado. Senti alguma dificuldade pois, inúmeras vezes sentia-me pouco familiarizado com as atividades presentes no plano de aula, o que diminuía a minha confiança na abordagem prática da aula.

“Antes de entrar na aula o professor tem já um projeto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente por decisões fundamentais.” (Bento, 2003).

No entanto, a individualidade de cada aula é distinta e esta decorre em conformidade com o conhecimento dos objetivos de ensino por parte do professor, as estratégias a assumir, bem como as características da turma.

Como professor senti necessidade de dominar os conteúdos programáticos presentes em cada aula, realizando um bom planeamento de acordo com as características da minha turma, definindo objetivos a atingir em cada aula. Todavia, este processo nem sempre foi linear e de fácil aplicação, surgindo a necessidade de colocar em prática o “improvisado”, no entanto, de um modo controlado. Confesso que, por vezes, depus uma confiança excessiva nesta capacidade de solucionar problemas de forma mais “instintiva” e percebi que, quanto mais detalhado e pensado era o meu planeamento, mais preparado me sentia no momento de lecionar.

Na minha experiência enquanto professor estagiário, surgiu muitas vezes a necessidade de readaptar o plano efetuado. Por exemplo, numa aula preparada para toda a turma, em que já tinha definido exercícios e os grupos de trabalho, quando faltavam alunos, era necessária uma reorganização dos mesmos, ou então repensar os exercícios a realizar, no imediato.

“Sem um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não é possível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor. E sem controlo permanente da qualidade de ensino nenhum professor consegue garantir a eficácia e a melhoria da sua prática pessoal.” (Bento, 2003).

A aula de EF tem características muito próprias. A sua ação pedagógica deve ser global, guiada por uma perspetiva lata das tarefas formativas e educativas. Os alunos devem manter-se em atividade desde o primeiro até ao último minuto da aula. Outro aspeto peculiar das aulas é o seu carácter mutável, no que toca à sua organização, gestão. O professor, na minha opinião, deve ser capaz de variar e alternar contextos de aprendizagem sem perder o foco e a sem desvirtuar a sua metodologia previamente delineada.

“A necessidade de variedade na organização e disposição do conteúdo e da metodologia das aulas deriva da mutabilidade registada, quer nas condições pessoais (modificações operadas no nível de capacidade e de motivação dos alunos), materiais e externas (diferença de locais, aparelhos e materiais de exercitação) climatéricas, quer também na diversidade de conteúdos e na complexidade crescente das tarefas de educação e formação.” (Bento, 2003).

Unidade Curricular: Voleibol	
Nº Aula: 13 de 18	
Turma: 11 ^o CSE	Docente: Rodrigo Costa
Data: 30/11/2018	Hora: 8:20h / 9:50h (9:40h)
Nº de Alunos: 26	Material: 13 Bolas de Voleibol; 8 Arcos; 26 Sinalizadores. Treino Funcional: 2 Bolas medicinais; 1 Bosu; 2 Steps; 1 Bola Grande; 1 bola de basquetebol; 1 bola de andebol; 2 Kettlebell; 1 Corda; 5 colchões.
Objetivos específicos da Aula: Introduzir o 3x3 (Terceira etapa de aprendizagem) com foco na comunicação e diferenciação entre recebedor e não recebedor e orientação do primeiro toque alto e para a rede. Introdução da manchete com foco nos MS sempre em extensão, palma da mão virada para a frente e contato com a bola através do antebraço.	
Sumário: Unidade didática de Voleibol. Ativação geral através de um circuito funcional composto por 14 estações. Jogo 3+3 (cooperação) com foco na diferenciação de papéis (funções de recebedor e não recebedor, comunicação e orientação do primeiro toque para a rede). Introdução da manchete com foco nos MS sempre em extensão, palma da mão virada para a frente e contato com a bola através do antebraço.	

	Conteúdos	Objetivos Comportamentais/Operacionais	Tempo	Componentes Críticas/Critérios de êxito
PI	Melhoria da capacidade física dos alunos	Circuito de Treino Funcional composto por 14 estações onde em cada uma é exigida uma tarefa diferente.	20 min	Max. Repetições em 20" Exercício correto em cada estação.
PM	Manchete	Um jogador lança a bola com a mão e do outro lado da rede estão dois alunos organizados em 1:1 para receber a bola. O recebedor executa manchete com o objetivo de colocar a bola no jogador da rede que estará dentro de um arco. Este agarra a bola e passa para o outro lado para servir.	20 min	-MS em extensão; -Palma da mão virada para a frente e contato com a bola através do antebraço.
	Diferenciação de papéis/ serviço por baixo/ manchete	Jogo 3+3 de cooperação com rotação ao serviço e obrigatoriedade dos 3 toques. Duas equipas de 3 elementos realizam jogo 3+3 de cooperação. Os elementos de cada equipa rodam após cada passagem de rede. O objetivo será realizar 20 passagens consecutivas (ataque com passe em suspensão).	20 min	-Assumir rapidamente as funções de recebedor/não recebedor; -Dirigir o primeiro toque alto e para perto da rede. -Antecipar a ação do adversário para evitar que a bola caia no chão.
PF	Diferenciação de papéis/ serviço por baixo/ manchete	Jogo 3x3 de competição com rotação ao serviço. Duas equipas de 3 elementos realizam jogo 3x3	20 min	-Assumir rapidamente as funções de recebedor/não recebedor; -Dirigir o primeiro toque para perto da rede e para o local onde o colega se encontra. -Antecipar a ação do adversário para evitar que a bola caia no chão.

Tab. 2: Plano de aula de Voleibol

6.6. Avaliação

A avaliação entra nas funções de ser professor como um 'medidor' da aprendizagem dos alunos, sendo que isto só é possível se estipularmos metas e critérios para estes atingirem. Este processo é realizado em diferentes momentos e etapas do ensino e é recorrente ao longo do ano letivo. Durante a minha prática fui percebendo a importância de avaliar a prestação dos meus alunos nas aulas, bem como as suas aptidões específicas de cada modalidade.

“Em quase todas as obras de didática é realçada a importância da análise e avaliação do ensino. Conjuntamente com a planificação e realização do ensino, a análise e avaliação são apresentadas como tarefas centrais de cada professor.” (Bento, 2003)

Intimamente relacionado com as diferentes formas de avaliação está inevitavelmente um processo reflexivo que acontece em vários momentos. Tentei ser bastante rigoroso e constante nesse aspeto porque considerei ser um elemento fulcral, procurando ser eficaz quando fosse necessário avaliar e analisar os meus alunos. Senti alguma dificuldade ao realizar algumas avaliações pela quantidade de alunos e pela falta de experiência na prática. Por vezes eram muitas as dúvidas ocorridas no exato momento e não conseguia discernir os critérios e avaliar com a exatidão necessária a atuação dos meus alunos.

“Sem um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não é possível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor. E sem controlo permanente da qualidade do ensino nenhum professor consegue garantir a eficácia e a melhoria da sua prática pessoal.” (Bento, 2003)

6.6.1. Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica tem como objetivo a obtenção de dados importantes para a estruturação de todo o conteúdo a abordar. A sua realização é necessária, pois o professor, em função dos resultados demonstrados pelos alunos, pode preparar com maior rigor as aulas e as tarefas a operacionalizar.

Ao realizar esta avaliação consegui compreender a sua pertinência pois, em conformidade com o que registei neste processo, adaptei o meu ensino às condições reais da minha turma e às dificuldades e aptidões específicas dos meus alunos. Compreendi com esta prática que, apesar de ter delineado uma certa sequência de conteúdos programáticos, tal poderia ser alterado ou ajustado em função da avaliação diagnóstica.

“A fim de poder contribuir para a melhoria da planificação e realização do ensino constitui condição necessária um tipo de reflexão que não limite a análise do ensino a uma comparação do objetivo e do resultado, a uma análise do rendimento, mas que inclua também a análise das

condições determinantes de sucessos e insucessos, de rendimentos e faltas de rendimento.”
(Bento, 2003)

Por ser feita sem nenhuma abordagem prévia em relação à respetiva modalidade, esta avaliação tornou-se importante para mim no sentido de guiar o meu processo ensino-aprendizagem. Foi bastante pertinente a realização deste processo pois, de certa forma, “clareou” as minhas ideias em relação à perceção do nível de aptidão dos meus alunos. Lembro-me perfeitamente das aulas onde coloquei em prática esta dinâmica e recordo-me que na altura serviu de guião para o meu processo ensino-aprendizagem enquanto docente.

6.6.2. Avaliação Formativa

Durante o ano letivo a avaliação formativa foi aquela que me acompanhou de forma constante e me deu indicadores importantes da evolução dos meus alunos. De facto, por ser um tipo de avaliação que ocorre continuamente, permitiu-me a correção de erros nas minhas abordagens enquanto docente, bem como a alteração de algumas dinâmicas e exercícios. Em função do que surgia neste processo de avaliação, maioritariamente presenta com base nas observações, pude enriquecer a minha prática e tornar mais eficaz a passagem do conteúdo que pretendia ensinar.

6.6.3. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa é aquela que reúne, no final de cada período, as informações gerais relativas à prestação global dos alunos relativamente às componentes abordadas. Na verdade, esta avaliação surgiu para mim como uma das tarefas mais árduas do estágio curricular. No fim de cada período propus uma classificação para cada aluno, sendo esta discutida e ajustada em consonância com o professor cooperante. Esta tarefa tornava-se complexa pois, como tinha de reunir informações provenientes de outros períodos (excetuando no primeiro), era complicado decidir em função das diversas variáveis. Como era uma primeira vez, a avaliação sumativa do primeiro período verificou-se a mais árdua. Percebi também que era muito difícil balizar e enquadrar o rendimento dos meus alunos numa vertente quantitativa. As dúvidas eram muitas ao longo deste processo, sentia-me por vezes confuso e “perdido”, tamanha era a vontade de “acertar” e ser justo com todos.

“Acerca de critérios apropriados, para a avaliação da qualidade do ensino em Educação Física, existe falta de unanimidade e, não raramente, há uma enorme confusão.” (Bento, 2003)

Act. Físicas (Voleibol)	Act. Físicas (Badmint)	Act. Físicas (Futebol)	Fitescola	Fitschool	Aptidão Física	Atitudes e Valores	1º Período	2º Período	10º Ano	Auto-avaliação	TOTAL	Nota Final	Class. Final
17,0	16,0	16,5	13,8	17,0	15,4	17,5	17,0	18,0	19,0	18,0	16,64	17	18
16,0	16,0	16,5	15,3	18,0	16,7	19,5	17,0	17,0	18,0	18,0	17,05	17	18
16,0	13,5	15,5	11,0	15,0	13,0	20,0	16,0	16,0	16,0	16,0	16,05	16	17
16,0	18,0	17,5	13,8	17,0	15,4	20,0	17,0	18,0	19,0	19,0	17,70	18	20
17,5	19,0	19,0	15,8	14,0	14,9	17,5	17,0	19,0	19,0	18,0	17,89	18	19
17,0	18,0	16,5	16,8	18,0	17,4	20,0	17,0	18,0	19,0	18,0	17,90	18	18
17,5	17,5	20,0	16,7	16,0	16,3	18,0	18,0	17,0	17,0	18,0	18,05	18	18
16,0	13,5	16,0	14,2	15,0	14,6	17,5	17,0	17,0	18,0	18,0	15,69	16	18
16,0	13,0	16,0	11,5	16,0	13,8	20,0	17,0	17,0	19,0		16,13	16	17
16,0	19,0	17,5	15,5	19,0	17,3	18,5	17,0	18,0	20,0	18,0	17,73	18	20
20,0	20,0	17,0	14,7	16,0	15,3	20,0	19,0	20,0	19,0	19,0	18,88	19	20
14,5	13,0	16,0	11,5	15,0	13,3	20,0	16,0	16,0	16,0	16,0	15,75	16	17
16,0	13,0	16,0	15,0	17,0	16,0	18,0	16,0	16,0	15,0		15,85	16	16
16,5	16,0	17,5	12,8	15,0	13,9	18,0	17,0	17,0	17,0		16,73	17	17
17,0	15,5	18,0	8,0	8,0	8,0	9,0	17,0	17,0	19,0		13,99	14	16
17,0	15,5	18,0	14,7	16,0	15,3	18,0	18,0	17,0	18,0		16,98	17	18
18,0	17,0	18,5	18,3	15,0	16,7	17,5	18,0	18,0	18,0	18,0	17,63	18	19
18,0	17,5	17,5	14,5		14,5	18,0	17,0	17,0	17,0	17,0	17,43	17	18
16,0	16,5	16,0	9,0	15,0	12,0	20,0	16,0	17,0	17,0	16,0	16,71	17	18

Tab. 3: Avaliação final da minha turma no segundo período

6.6.4. Auto e Heteroavaliação

A auto e hetero avaliação tornaram-se numa grande surpresa (positiva) do meu ano de estágio. Pude perceber a importância da partilha com os alunos em relação ao seu desenvolvimento e prestação durante o período. Relembro-me dos meus tempos de aluno, onde confesso, ter muitas vezes tentado “adulterar” a minha nota no processo de autoavaliação, esquecendo os pontos negativos e enaltecendo apenas os positivos. Foi exatamente o que verifiquei com a minha turma. Uma grande parcela dos alunos “puxava” a nota a seu favor (sem espanto para mim) e foi interessante discutir com eles a fim de refletirem sobre o que fizeram ao longo do período. Considerei fulcral esta tarefa e creio que deve ser mais valorizada pois, na minha opinião, devemos fazer com que os alunos sejam cada vez mais conscientes e lúcidos sobre as suas ações. Esta interação foi sempre realizada num ambiente saudável e muito amigável, onde no fim, e após alguns longos diálogos, chegávamos a conclusões unânimes. O professor cooperante foi importante neste capítulo pois, confesso que na minha primeira experiência nesta tarefa de avaliar, encontrava-me nervoso e desconfiado, pois não sabia o que poderia esperar dos alunos. Felizmente tudo correu de forma tranquila e fiquei com a sensação de que devemos explorar mais estas iniciativas de ouvir os alunos, pois muitas vezes eles nos surpreendem de forma positiva.

7. Área 2- Participação e envolvimento na comunidade escolar.

7.1. Torneios e Desporto Escolar

Infelizmente a minha participação no desporto escolar durante o EP foi praticamente nula. Por impossibilidade e falta de horário para cumprir esse importante momento, não pude ter uma experiência que poderia ter sido muito enriquecedora.

No que se refere a torneios, tive a oportunidade de estar presente em dois. O primeiro foi realizado durante a UD de Voleibol. Tomei a iniciativa de elaborar uma atividade que pudesse motivar os meus alunos e não poderia ter ficado mais satisfeito com a adesão e o envolvimento de toda a turma. Elaborei o quadro competitivo, formei as equipas, estipulei as regras e pontuações e coloquei toda a dinâmica em prática durante duas aulas. Esta experiência foi bastante agradável pois senti que estava a proporcionar aos meus alunos algo diferente, onde puderam desfrutar e colocar em prática todo o conteúdo adquirido nas aulas.

O segundo momento onde estive ativamente envolvido foi o torneio de basquetebol realizado na escola durante a semana aberta. Esta semana tinha a particularidade de estimular os alunos a participarem em diversas atividades. Nesse torneio fiquei responsável por arbitrar alguns jogos bem como participar em toda a logística dos mesmos. Foi extremamente interessante pois pude, de certa forma, estar em contato direto com alunos de outras turmas bem como outros colegas docentes. Senti que me tornei bastante útil e proativo em toda a dinâmica do torneio pois estava constantemente preocupado com o bom funcionamento do mesmo e disponível para ajudar no que fosse preciso. Na minha opinião, iniciativas como a da semana aberta deveriam ser mais comuns e consistentes durante o ano letivo, obviamente sabendo que por vezes seria complicado encontrar tempo disponível para tal.

7.2. Corta-mato

O Corta-mato sempre foi, para mim, um dos momentos mais marcantes do período escolar. Sempre vivi esse dia de forma intensa como aluno e agora chegava a hora de o experimentar enquanto PE. Criei alguma expectativa sobre como seria esta experiência na ESV e, para o meu agrado, fiquei bastante satisfeito. O Corta-mato foi um dia recheado de boa disposição, integração e interação de toda a comunidade escolar. Estava algo ansioso pois queria ser parte ativa dessa experiência e ajudar no que fosse preciso. Ofereci todo o meu apoio na montagem do circuito, na organização dos alunos por idades e ainda tive a oportunidade de conviver com diversos professores podendo partilhar ideias sobre toda a logística dessa atividade. Foi com grande entusiasmo que vivi este dia e confesso que, como professor, é gratificante ver a alegria dos alunos e a sua motivação para uma atividade física que estimula a superação e outros valores intimamente relacionados com a nossa missão de ser professor de EF.

7.3. Os pequenos de Sobrado

Para além da minha atividade na ESV, tive também contacto com uma turma do 5º ano, da escola de Sobrado. Com esta turma a minha prática foi bastante curta, pois só tive de lecionar um período de 30 aulas. Esta turma tinha a particularidade de contemplar apenas 10 alunos, o que facilitou a minha prática no que respeita ao espaço disponível, material e estipulação de exercícios. Resta dizer que fruto da idade, foi um pouco mais complicado, pelo comportamento mais agitado dos alunos. No entanto, foi uma mais valia ter a oportunidade de contactar com mais do que uma realidade escolar. Uma das dificuldades que senti foi em relação à diferença de linguagem nas duas abordagens. Com os alunos do 11º tinha uma certa liderança e, ao chegar à escola de Sobrado deparei-me com outra faixa etária, o que me obrigou a ajustar o discurso e postura em função de um contexto diferente. Na minha turma do 5º ano tinha alunos com bastantes dificuldades a nível motor, o que se tornou um desafio especial e prazeroso para mim pois estes tinham muitas limitações na realização dos exercícios. Utilizei diversas estratégias para motivá-los para a prática devido ao fato da turma ser relativamente pequena ajudou a ter uma intervenção mais individualizada com cada um deles. *“Retomando as questões da motivação, no contexto da EF Maggil (cit. Por Franchin & Barreto, 2006, p. 3) coloca em evidência a sua importância para as aulas de EF. É dela que depende, em grande parte, o sucesso dos processos de aprendizagem das habilidades motoras. Com efeito, nas palavras do mesmo autor, a motivação assume um “papel importante na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento” (p.3). Trata-se de um fator psicológico que está relacionado com a atividade física e que poderá estar ligado tanto à aprendizagem como ao desempenho. Na ausência de motivação, os alunos tenderão a recusar ou a fazer mal o que for proposto pelo docente”* como refere (Tresca & Rose, 2000; Maggil cit. Por Franchin & Barreto, 2006) (citado por Sousa, 2014, p.181).

Em relação à abordagem da ginástica tive imensos problemas. Tinha alguns alunos que executavam com facilidade o que era pretendido, mas por outro tinha um conjunto de elementos que não conseguiam e exigiam de mim uma intervenção mais próxima. Fazer esta gestão foi um grande desafio ao longo da minha passagem pela escola de Sobrado.

“No contexto prático, é o ambiente ecológico da sala de aula que mais socializa o estagiário, provocando-lhe comportamentos de adaptação. Modificar esta estrutura é algo que não lhe será fácil, uma vez que há uma série de atividades às quais os alunos estão habituados e concepções de ensino que são partilhadas tacitamente pelos professores” tal como diz Barros, (citado por Lima, 2014, p.80).

7.4. Direção de turma

As reuniões de direção de turma foram momentos extremamente importantes da minha experiência enquanto PE. Pude compreender como se processava toda a logística em relação à avaliação dos alunos e como funcionava essa dinâmica. Confesso que a primeira vez que entrei

na sala (recordo-me que foi no final do primeiro período) senti algum nervosismo e ansiedade pois não sabia o que me esperava e como eram feitas as atribuições das notas aos alunos. Foi com agrado que verifiquei a boa sinergia entre todos os professores, o que facilitava todo o processo. Nessas reuniões discutimos comportamentos, aptidões, capacidades e momentos dos alunos e onde a troca de ideias e partilha de informações foram bastante convenientes para mim. Pude recolher, com a opinião de professores de outras disciplinas, inúmeros dados sobre os meus alunos, o que me ajudou a compreender como era o seu desempenho noutros contextos fora da EF. Essas reuniões desenrolaram-se sempre de forma organizada e prática, com a participação ativa de todos os professores, que me fizeram sentir completamente à vontade para também relatar as minhas sensações e opiniões sobre a parte que me competia.

8. Área 3- Importância da reflexão para o desenvolvimento profissional

8.1. Reflexões

O processo reflexivo tornou-se uma constante ao longo da minha prática pedagógica. Senti que, quanto mais aprimorava a capacidade de refletir e pensar sobre as aulas, maior era a eficiência e assertividade com que elaborava e organizava as aulas. Desde cedo percebi que a reflexão é uma arma incrível ao serviço do professor. Várias eram as vezes que dava por mim a imaginar e visualizar um determinado exercício ou a projetar e antecipar problemas que poderiam surgir em diversos timings da UD. Estimulei esta capacidade também através do Diário de Bordo que no fundo era uma pequena reflexão geral que tínhamos de enviar semanalmente para o professor cooperante sobre o que se passou nas aulas. No início a minha reflexão acabava por ser algo vaga, no entanto, com o decorrer da prática e das aulas, fui ganhando maior à vontade e o meu Diário de Bordo semanal foi se tornando cada vez mais detalhado. Era nele que depositava todo o meu parecer, estratégias criadas para resolver determinada contrariedade em plena aula e avaliações do comportamento dos alunos em termos de aptidão nas diversas tarefas propostas.

8.2. Observações

Uma das tarefas obrigatórias do professor estagiário passa pela observação de aulas dos outros estagiários, assim como de professores da escola. Este facto permitiu-me contactar com um vasto leque de alunos, percebendo diferentes dinâmicas e avaliando diversas personalidades. Outra questão relevante é perceber como outros colegas aplicam estratégias e métodos de ensino, para liderar as suas turmas, possibilitando a comparação com a minha prática. Ao realizar as observações de forma sistemática pude perceber muito do comportamento do professor e dos alunos. Consegui analisar vários fatores que acabam por ser decisivos na nossa prática. O posicionamento perante a turma, a consistência e tipo do feedback, a envolvência dos alunos são pontos fulcrais se queremos ser professores mais completos. Um dos aspetos mais importantes, na minha opinião, foi perceber o poder do nosso feedback enquanto professores.

Como refere Sarmiento (2004, cit. Por Cunha et al 2014, p.202) a observação é, assim, um procedimento ativo e complexo, em que as diferenças entre observadores ou entre contextos desencadeiam percepções distintas da realidade.

8.3. Características de um bom professor

“A capacidade de comunicar constitui um dos fatores determinantes da eficácia pedagógica do contexto do ensino das atividades físicas e desportivas” (Rosado & Mesquita, 2011).

Durante a minha experiência como professor verifiquei que a capacidade de “passar a mensagem” torna-se fulcral para o processo ensino-aprendizagem. Para além de dominar os conteúdos teóricos a lecionar, um bom professor deve possuir estratégias e ferramentas que o ajudem a comunicar de forma perfeita com os seus alunos. A linguagem clara e objetiva auxilia-os a assimilarem o que é proposto. O bom professor, na minha opinião, é aquele que tem a capacidade de recorrer a todos os recursos disponíveis no âmbito da melhor aprendizagem dos seus alunos. Utilizar métodos de ensino e estratégias diversas, como por exemplo os meios audiovisuais, pode ser extremamente eficaz no contexto de ensino.

“O saber do professor é um saber complexo, sincrético, heterogéneo, temporal e plural. É um saber dinâmico, sempre em mudança e evolução. O docente, através das suas capacidades, da sua sensibilidade, da maneira de ser e agir, que se baseia nos conhecimentos e na experiência, coloca-os ao serviço dos alunos” segundo Campos (citado por Rodrigues, 2014, p.95).

Contudo, existem algumas barreiras na comunicação. Quando a mensagem não é transmitida de forma clara e objetiva, podemos correr o risco do destinatário (no caso, os alunos) não a compreenderem, pondo em causa o sucesso da tarefa. Senti algumas dificuldades no que toca à passagem de certos conteúdos bem como na fluidez das ideias inerentes a situações específicas durante as aulas. Por vezes achava que dominaria a matéria a ensinar e a explicação dos respetivos exercícios e tal não acontecia como o previsto. Recordo-me neste momento que tais entraves permitiram-me evoluir enquanto docente e estimularam a minha confiança na dinâmica do processo ensino-aprendizagem.

Paralelamente e intimamente ligada à capacidade de comunicação e transmissão do saber por parte do professor, este “trunfo” de nada vale se o mesmo não conhecer rigorosamente o que está a ensinar.

“É indiscutível que a clareza de objetivos, de tarefas e exigências direciona a atividade do professor e dos alunos para o essencial, atua positivamente e diminui os desvios da linha do ensino. Este orienta-se para resultados, o que deixa perceber desde logo um certo grau de eficácia. Por isso todo o professor deve esforçar-se por clarificar os objetivos, tanto para ele como para os seus alunos.” (Bento, 2003).

Outra particularidade essencial é, na minha opinião, a questão da empatia. Um professor que consiga proporcionar um bom ambiente de ensino, transmitindo emoções e empurrando os alunos para uma prática alegre, envolvendo-os de forma mais proativa na aula, facilita e torna a sua atuação “mais leve”. Essa sensação foi notória ao longo da minha prática sempre que me envolvia nas atividades juntamente com os alunos, muitas vezes com um sorriso na cara, de quem estava, para além de debitar conhecimento, a disfrutar do momento e tirando prazer da própria aula.

“É necessário compreender e encarar o ambiente relacional, na sala de aula e no treino, como determinado por diversas variáveis, entre as quais sobressai a afetividade e, em particular, a percepção do ambiente afetivo existente. Esta percepção representa um fator que pode afetar o processo de ensino, influenciando variáveis como a motivação, o ambiente humano e relacional, a estrutura e coesão dos grupos, a gestão dos conflitos e de emoções, o empenhamento, a participação e o desenvolvimento pessoal e social.” (Rosado & Ferreira, 2011)

8.4. A versatilidade do professor de EF

Em comparação com outras disciplinas, o professor de EF é aquele que se aproxima dos alunos, de uma forma mais natural. O contexto em si, não sendo uma sala de aula formal, torna o ambiente mais favorável, deixando os alunos mais descontraídos. Durante a minha prática pedagógica senti que muitos alunos tinham o à vontade para falar comigo, não só sobre aspetos da aula, mas também outros temas ligados ao desporto em geral. Creio que esta peculiaridade só ocorre no contexto da Educação Física, pela sua especificidade e também pela transmissão de valores próprios desta disciplina.

A cooperação, o *fairplay* e o espírito de equipa são por exemplo, valências fundamentais valorizadas no ensino da EF. Um exemplo disso, foi quando realizei um torneio, definindo critérios de êxito que envolviam estas características, levando os alunos a superarem-se, ajudando-se mutuamente no âmbito de um objetivo comum.

“Ensino não é só simplesmente a transmissão e apropriação simples da matéria programática: é determinante para o desenvolvimento da personalidade dos alunos, dado que contem em si as bases para o seu comportamento moral, forja o seu pensamento, influencia enormemente a sua vontade, os seus sentimentos e atuação, a sua disponibilidade para o empenho nas tarefas do dia-a-dia.” (Bento, 2003).

A motivação do professor de EF deve ser distinta dos restantes. Na minha ótica este deve ser um incentivador e um inspirador para os seus alunos em todos os momentos da sua prática. A sua criatividade e espontaneidade devem ser diferenciadores e o reconhecimento dos alunos é, ao meu ver, a total integração no processo ensino-aprendizagem.

“Na realidade, retirar prazer das diversas atividades físicas (e evitar o desprazer) é um objetivo comum dos participantes, e de uma importância decisiva na continuidade da prática, devendo o

professor/treinador assumir um papel preponderante na condução do processo de ensino/treino também a este nível. A nível da otimização da relação professor-aluno ou treinador-atleta, o entusiasmo foi referido como fundamental na criação da ambiência afetiva necessária à emergência de ambientes propícios de trabalho.” (Rosado & Ferreira, 2011).

Fruto da minha prática ao longo do EP, considerei a missão de ser professor como um enorme desafio. Na minha opinião, este deve ser dotado de capacidades e estratégias pedagógicas muito para além do mero saber teórico. Senti que ser professor de EF exigia um saber abrangente e diversificado, o que tornou o meu percurso recheado de vivências que jamais esquecerei.

“Num sentido muito próximo, Leitão (citado por Rosado e Ferreira, 2011, p.193) entende que o entusiasmo se refere a todo um conjunto de características que potenciam um envolvimento e uma participação mais ativa e estimulante na aula, como sejam as inflexões de voz, uma exuberância maior ou menor nos gestos e nos movimentos, a forma como se desloca pelo espaço, em suma, todo um conjunto de traços que marcam aquilo a que normalmente se chama um professor “apagado” ou um professor que, com a sua maneira de ser, “contagia”, “estimula”, “agarra” toda a turma.”

8.5. Adversidades da prática: uma barreira constante

Ao longo do meu percurso enquanto professor estagiário foram evidentes algumas dificuldades no que toca à preparação dos conteúdos a lecionar, da logística inerente à escola onde estava enquadrado e à minha situação profissional no momento. Uma grande barreira que senti no que toca ao planeamento e encadeamento das aulas foi realmente a falta de tempo para ajustar atempadamente os planos de aula em função da sequência das mesmas. Outra barreira real foi a postura inconstante dos alunos e as suas motivações perante as aulas. Como cada aula era uma história à parte tive alguma dificuldade em controlar e entender que por vezes os alunos não estavam tão predispostos para a prática e é tarefa do professor contornar essa mesma situação, ou a aula não estava tão bem estruturada como tinha pensado.

“...para Rink (citado por Rosado & Mesquita, 2011, p.74), um dos fatores que ajuda a melhorar a atenção e a comunicação entre os agentes de ensino e os praticantes é a clareza da apresentação.”

De acordo com esta citação é conveniente dizer que nem sempre a clareza e a passagem da mensagem foram feitas de forma adequada. Senti algumas dificuldades na construção de feedbacks que me levassem ao sucesso nas tarefas e à assimilação por parte dos alunos.

É oportuno mencionar que, inúmeras vezes dei por mim à procura de componentes críticas que não fossem repetitivas e que de alguma forma se ajustassem aos meus exercícios e às necessidades dos alunos.

“Segundo Rink (citado por Rosado & Mesquita, 2011, p.79) entende-se por apresentação das tarefas a informação transmitida pelo professor ou treinador aos alunos ou atletas durante a prática motora acerca do que fazer e como fazer.”

Outro constrangimento durante este ano de estágio deveu-se ao fato de, inconscientemente comparar a aula de EF com o treino (meu outro compromisso profissional na altura). Este posicionamento, embora tenha sido assumido de forma não intencional, trazia-me algumas “desilusões” no decurso das minhas aulas. Dando um exemplo mais prático, muitas vezes “exigia” aos alunos um sucesso e eficácia demasiado homogênea em determinada tarefa, o que numa aula de EF deve ser relativizado e individualizado. A mentalidade competitiva do treino desportivo misturou-se por vezes no âmbito do processo ensino-aprendizagem, o que condicionou de certa forma a prática dos meus alunos.

8.6. Feedback

O feedback é, para mim, uma das “armas” mais potentes de um professor. Este mecanismo permite uma comunicação mais assertiva com os alunos e, através das suas diversas vertentes, uma apropriação da prática pedagógica à performance de cada individualidade. Ao longo do ano letivo fui percebendo que através do feedback conseguia transmitir, corrigir e motivar, o que facilitava a minha intervenção durante as aulas. Senti uma certa dependência na sua utilização, embora isso nem sempre pode ter significado um aspeto positivo na minha atuação enquanto professor estagiário. É verdade que tive imenso cuidado para não confundir os meus alunos com o excesso de informação ou incongruência nas minhas palavras, embora por vezes fosse difícil, tal era o entusiasmo com que lecionava as minhas aulas.

“Assim, e no que diz respeito à fase inicial da aprendizagem das habilidades, a importância do feedback centrado no conteúdo informativo é acrescida pelo facto de os praticantes necessitarem de referências concretas acerca da forma como executam os movimentos e dos processos a desenvolver para melhorar a performance” Schmidth (citado por Rosado & Mesquita, 2011, p. 83).

Realmente, a utilização do feedback foi extremamente importante durante toda a minha prática. Além disso, é necessário dizer que, a eficácia desse método de ensino depende da sua assertividade. Na minha opinião, um bom feedback está intimamente ligado a uma prévia e correta observação de uma determinada ação, gesto ou movimento. Experimentei diversos tipos de feedback e, ao longo das aulas ajustei a sua utilização para atingir os meus objetivos nas várias tarefas solicitadas. Ao longo do tempo fui percebendo que não bastava apenas motivar os alunos através de palavras de incentivo, necessitava ir mais além e encontrar a melhor forma de lhes fazer chegar o conteúdo da forma mais correta e pertinente possível.

“A qualidade de uma correção depende, em primeiro lugar, como vimos, da competência de diagnóstico dos professores ou treinadores. Essa competência exige o conhecimento dos

modelos de execução e dos contextos em que se concretiza, de tal modo que se possam determinar os erros de execução. A fase de diagnóstico envolve a deteção dos erros, a hierarquização dos diferentes erros assinalado de acordo com critérios de importância (detetando a maior dificuldade ou erro mais importante) e a análise das suas causas, da sua origem” tal como refere Rosado (citado por Rosado & Mesquita, 2011, p.85).

A verdade é que, intimamente ligado à qualidade do feedback está a prévia análise e observação da atuação dos alunos. Tentei ao longo das aulas ser bastante rigoroso nesse processo para que a minha intervenção fosse mais pertinente e assertiva.

Considereei o feedback interrogativo como o mais fascinante e eficaz no decurso nas minhas aulas. A capacidade de colocar dúvidas e “obrigar” de certa forma o aluno a pensar sobre a sua execução técnica foi sem dúvida uma das minhas estratégias mais bem conseguidas deste ano de estágio. Perguntar o porquê aos alunos sobre determinadas situações, gestos e movimentos durante as tarefas deu-me uma ampla abordagem e uma maior capacidade em solucionar os problemas e ajudá-los assim a alcançar os objetivos propostos nas aulas. Esta forma de atuar deu mais ênfase à capacidade comunicativa dos alunos, estimulando a sua proatividade e autonomia. Ao longo das aulas percebi que, ao recorrer a este tipo de abordagem, conseguia envolvê-los de uma forma mais lúcida e consciente sobre o que podiam melhorar e evoluir nas diversas tarefas e exercícios propostos.

“A colocação de questões aos alunos pode servir diversos objetivos educativos, concretizando-se, ainda que com pesos e formas diferenciados, no âmbito de diversos modelos e métodos de ensino. A sua importância pedagógica deve ser objeto de reflexão por parte dos professores e dos treinadores, devendo-se, paralelamente, analisar os critérios de utilização deste método que tornem a sua utilização o mais eficaz possível no processo de ensino-aprendizagem, refletindo-se sobre os critérios e contextos da sua utilização. O questionamento, de acordo com Harvey e Goudvis, é a chave para a compreensão.” (Rosado & Mesquita, 2011, p. 100/101).

9. Considerações finais

A conclusão da etapa mais importante da minha formação académica traz-me um misto de sentimentos. De certa forma sinto que, apesar de todas circunstâncias, entraves e dificuldades vividas, a missão foi cumprida. De outro prisma creio que poderia ter aproveitado muito mais esta experiência. Apesar de tudo, recordo com saudade todos os capítulos desta longa jornada.

É o culminar de um período que marcará o início de outro, embora este repleto de incertezas, mas com a convicção de que correrá tudo pelo melhor.

Ao olhar para trás, orgulho-me de nunca ter desistido apesar de diversas vezes ter estado perto disso. Agora que estou prestes a acabar este desafio, vejo que saí mais forte do que nunca e com a sensação de que, com espírito de sacrifício e dedicação, tudo se consegue. Ao escrever

estas linhas, é impensável não recordar todas as palavras de incentivo do meu professor cooperante e da minha orientadora de estágio no sentido de não abandonar.

A ligação com os alunos e toda a comunidade escolar é algo que guardarei com carinho e saudade. Pude perceber que, enquanto docente, a relação humana é das componentes mais importantes e está intimamente relacionada com a arte de ser professor. Tentei ter a capacidade de aprender ao ensinar e posso dizer que os meus alunos me inspiraram a ser melhor a cada dia.

No fundo, esta experiência serviu como um perfeito laboratório onde pude errar, aprender, evoluir e enriquecer-me enquanto futuro professo. Acabado este longo caminho, sinto-me preparado para o futuro, sabendo que nunca será fácil e por isso mesmo, a missão de ser professor é tão prazerosa.

10. Referências Bibliográficas

Bento, J.O. (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física

Rodrigues, E. (2013). Ser professor Cooperante: das funções aos significados. In Batista, P., Queirós, P., e Rolim, R. *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. (pp. 93- 104) Editora FADEUP.

Almeida, J; Leandro, T e Batista, P. (2013). Dilemas e dificuldades do estudante-estagiário no decurso do estágio profissional: estudo centrado na relação professor-aluno. In Batista, P., Queirós, P., e Rolim, R. *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. (pp. 207- 225) Editora FADEUP.

Gomes, A; Nascimento, S e Ramos, K (2014). Formação inicial de professores: uma reflexão sobre identidades do curso de Pedagogia na sua relação com um aparente desinteresse/procura por parte de estudantes. In Batista, P., Queirós, P., e Rolim, R. *Formação inicial de Professores – Reflexão e Investigação da Prática Profissional*. (pp. 13-26). Editora FADEUP.

Cunha, M; Silva, J; Teixeira, T; Lopes, S. e Marques, P. (2014). Análise do Ensino na disciplina de Educação Física. Desenvolvimento de uma ferramenta de observação e registo no Colégio de Gaia. *in* Batista, P., Queirós, P., e Rolim, R *Formação inicial de Professores – Reflexão e Investigação da Prática Profissional*. (pp. 201-213). Editora FADEUP.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana